ESTUDOS ACTUAIS
IV

J. FERREIRA FONTES

DIRECTOR DO «MENSAGEIRO DO CORAÇÃO DE JESUS»

Santo Tomás de Aquino
e
A crise contemporânea

TRÊS CONFERÊNCIAS REALIZADAS EM LISBOA,
NA IGREJA DA ENCARNAÇÃO, POR OCASIÃO DO
SEXTO CENTENÁRIO DA CANONIZAÇÃO DO
DOUTOR ANGÉLICO.
(20, 21, 22 DE NOVEMBRO DE 1924)

PORTO EDIÇÕES DO A. I.
RUA DE CEDOFEITA, 628

1936

*
* *

IMPRIMI POTEST.
Olisipone, 14 Junii 1936.
Paulus Durão, S. J.
Praep. Prov. Lusit.

IMPRIMATUR.
Bracarae, 16 Junii 1936.
A., Arch. Bracaren.

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

TIPOGRAFIA PORTO MÉDICO, LTDA - PORTO

ADVERTÊNCIA

Em 1924, celebrava-se em Lisboa, com extraordinário esplendor, o sexto centenário da canonização do Doutor Angélico, Santo Tomás de Aquino.

Depois de uma série de conferências, realizadas no decurso desse ano por altos representantes da cultura portuguesa, coube-me também a mim o honroso mas pesado encargo de em Novembro preparar os fiéis para a conclusão das festas do Centenário com um tríduo de conferências, que chamaram à Igreja da Encarnação, em Lisboa, um numeroso e selecto auditório e foram benevolamente resumidas e até largamente extratadas pela imprensa católica da capital.

Depois, foram integralmente publicadas na Memória sobre o Sexto Centenário da Canonização de Santo Tomás de Aquino em Lisboa[1].

Como, porém, essa Memória não teve a divulgação desejada, pessoas que ouviram essas conferências ou delas tiveram conhecimento pelos jornais, tentaram persuadir-me que, publicando-as à parte, poderia continuar a fazer algum bem.

Nunca me foi possível aceder a essas benévolas insistências, por falta sobretudo de tempo.

Ultimamente, nuns dias de repouso prescrito pelo médico, fui-me entretendo a rever as conferências pronunciadas, há quási doze anos, e (talvez ilusão de autor!) cheguei a acariciar a esperança de que a leitura das modestas conferências, em que Santo Tomás de Aquino *aparece como* Anjo dos corações ansiosos de paz no Amor, Anjo das inteligências ansiosas de paz na Verdade, Anjo das sociedades ansiosas de paz na Justiça e Caridade, *poderia contribuir de algum modo para a «paz de Cristo no reino de Cristo », atenuando um poucochinho a* crise contemporânea *dos corações inquietos, das inteligências extraviadas, das sociedades em desordem.*

E foi essa esperança de fazer algum bem que me animou a oferecer para a colecção «Estudos Actuais» as apagadas conferências.

O AUTOR.

[1] Tipografia Ingleza, Ltd., Rua Eugênio dos Santos, 118, Lisboa, 1925.

INTRODUÇÃO GERAL

Ecce ego mittam angelum meum, qui praecedat te, et custodiat in via, et introducat in locum quem paravi.
(EXOD. 23, 20).

Três meses depois da saída do Egito, o povo de Israel, cansado já de errar através do deserto, viera acampar às raízes do Sinai. Entre as variadíssimas leis, com temerosa solenidade ali promulgadas por Deus, há sábias prescrições também sobre a futura entrada na terra de Canaan.

Mas quantas dificuldades, quantas revoltas, quantas apostasias, quantos castigos de extermínio, quantos errores pelo deserto sem fim, até alcançarem, daí a quarenta anos, a Terra da Promissão! O Senhor Deus de Israel, que na sua previdência, bem sabia que o povo, deixado a si mesmo, viria a perecer, nos extravios do deserto, começa por lhes levantar os espíritos nesta promessa dum guia sobrenatural: - « Eis que eu enviarei o meu Anjo, que te preceda e guarde no caminho e te introduza no lugar que preparei».

*
* *

Meus Senhores. A humanidade contemporânea, afastada de Deus, há muito que tragicamente vagueia na aridez dum deserto imenso, em demanda duma sonhada terra de promissão.

Contemplai rapidamente esse infinito povo de transviados!

Aqui, nos círculos mais próximos, agitam-se, em ânsia febril de acção e aperfeiçoamento, multidões inumeráveis, formadas predominantemente por uma juventude insatisfeita, que se esforça por atingir um ideal superior de beleza, bondade e perfeição que ao longe a está seduzindo. As suas inteligências, ávidas de luz, já vislumbraram, à distância, reflexos de Deus, infinita Verdade. E querem lançar-se para o Sol que as deslumbra ... Baldado esforço! O Sol de Verdade é ao mesmo tempo foco de Santidade e Amor. E, assim como unicamente os limpos de coração verão a Deus, suma Verdade, assim também, com mais razão, somente os corações puros abraçarão a Deus, infinita Pureza, Santidade e Amor. Avezinhas atoladas no pântano de afeições terrenas e impuras, deixadas a vós mesmas, debalde tentais bater asas para o azul dos vossos ideais.

Mais longe que os corações inquietos, que baldadamente se esforçam por descansar no Bem, aparecem-nos numerosas inteligências, como sombras tristes, numa ânsia de luz, a vaguear, tateando as trevas, na *selva escura* de sistemas pseudo-filosóficos, que se confessam impotentes para atingir a Verdade.

Por fim, a perder de vista até às últimas linhas do deserto, tumultuam em fúria, como vagas de areia encapeladas pelo simum, multidões boçais que, fanatizadas por chefes sem ciência, nem consciência, nem coração, vão correndo frenéticas na ânsia de abraçar miragens sem consistência, e, julgando entrar enfim na posse da terra da promissão, para gozarem o paraíso das reivindicações populares, se vêem de improviso precipitadas, sem esperança, num inferno social.

Corações insatisfeitos, inteligências extraviadas, sociedades anarquizadas, pobre humanidade separada, por um imenso deserto, da terra da promissão do Bem, da Verdade e da Paz, não haverá para ti um Deus misericordioso que te mande o seu anjo, para que te preceda e guarde no caminho e te introduza no lugar que preparou ?

*
* *

Meus Senhores. Assim como Moisés, o anjo visível do povo de Israel, para o alentar a

prosseguir com esforço a peregrinação através do deserto para a terra de Canaan, lhe prometia, em nome de Deus, a intervenção invisível do Anjo do Testamento, - assim também o Moisés da nova aliança, o Vigário de Jesus Cristo, que é o supremo anjo visível, destinado pela Providência a salvar a humanidade contemporânea da *selva escura* em que vagueia transviada, invoca a protecção invisível dum Anjo de Deus, que preceda, guarde no caminho e introduza na terra da promissão da santidade, da verdade, da justiça e da paz, os corações sedentos de bondade, as inteligências ávidas de verdade, as sociedades ansiosas de tranqüilidade na ordem.

Na festa do Príncipe dos Apóstolos, a 29 de Junho de 1923, enviava o nosso SS.^{mo} Padre, o Papa Pio XI, a toda a Cristandade a admirável encíclica «*Studiorum ducem*», em que, tecendo o mais eloqüente panegírico da prodigiosa «aliança da doutrina com a piedade, da erudição com a virtude, da verdade com a caridade», que em Santo Tomás de Aquino tão singularmente resplandece, estimulava o mundo católico a consagrar o ano de 1923, desde 18 de Julho em diante, e todo o ano de 1924 à celebração do 6.° Centenário da Canonização do Doutor Angélico; e, abrangendo num olhar compassivo as angústias que nos torturam, dirigia ao mundo inteiro esta voz de comando: «Ide ao Doutor Angélico, *Ite ad Thomam!»* Eis o Anjo que Deus vos envia para vos guiar à terra da promissão, à *paz de Cristo no reino de Cristo.*

Recebendo com a mais profunda veneração o tema que o Vigário de Jesus Cristo me propõe, nada mais farei neste tríduo do que apresentar um simples comentário da exortação pontifícia.

Corações inquietos - dir-vos-ei hoje - corações ansiosos de paz no verdadeiro Amor, que desesperados de encontrar a verdadeira felicidade, vos mirrais do deserto do *pessimismo moral* ou num *diletantismo* que baldamente procura mitigar a sede de infinito nos pântanos dos prazeres do espírito e dos sentidos, corações insatisfeitos, *ite ad Thomam!* O Doutor Angélico será o Anjo dos corações torturados que se definham longe de Deus, com fome de Deus.

Inteligências extraviadas - bradar-vos-ei amanhã - inteligências errantes na *selva escura* dos preconceitos pseudo-filosóficos, *ite ad Thomam!* O Doutor Angélico será o Anjo das inteligências perdidas no deserto do *pessimismo intelectual,* na anarquia dos sistemas incapazes de alcançar a Verdade.

Sociedades sem paz- será o assunto do 3.° dia - sociedades transformadas num caos por utopias dissolventes, *ite ad Thomam!* O Doutor Angélico, com a sua filosofia social, será o Anjo das sociedades ansiosas de paz na Justiça e Caridade.

*

* *

Meus Senhores. Vão encerrar-se as grandiosas festas com que Lisboa quis solenizar o sexto Centenário da Canonização de Santo Tomás de Aquino. Sabiamente organizada por uma luzidíssima Comissão sob os auspícios do Eminentíssimo Purpurado, cujo nome por tantos títulos venerável ficará eternizado em letras de oiro nos anais religiosos de Portugal, solenemente inaugurada pela apostólica palavra dum Prelado, que pelo hábito, pelo saber e pela virtude é digníssimo irmão do Doutor Angélico, brilhantemente continuada com a cooperação de ilustríssimos representantes da Ciência portuguesa, que enternecidamente acudiram a prestar a mais rendida homenagem à Igreja, no seu Doutor genial, esta magnificentíssima comemoração centenária será condignamente coroada pela eloqüência de dois altíssimos ornamentos do nosso Venerando Episcopado.

Magnífica apoteose! O escol da Virtude e da Ciência portuguesas em homenagem ao mais santo dos sábios e ao mais sábio dos santos!

Mas esta harmoniosa festa de luz, em que os mais brilhantes satélites aparecem cortejando o astro-rei do firmamento da Filosofia e Teologia, por que havia de ser, ao fim, ofuscada por um eclipse de três dias, em que a mais culta assembléia terá de suportar esta viva e flagrante desarmonia entre o Sol que, deslumbrados, celebramos, e o mais obscuro ministro da palavra, sem nome, sem virtude, sem ciência, sem brilho de frase, sem nada enfim que naturalmente o chamasse a lugar de tão esmagadora responsabilidade?

Mais um motivo para a vossa generosa indulgência, meus Senhores. Estou aqui unicamente por obediência. O que não quere dizer de forma alguma que esteja constrangido. É tal a veneração e amor que me prendem ao Doutor Angélico, e à santíssima e sapientíssima Ordem, de que êle é suprema glória e sublime ornamento, que para mim já é precioso título de santo desvanecimento ter a honra de ser o fundo escuro no admirável quadro em que as mais refulgentes estrelas da inteligência portuguesa tecem uma auréola de luz em torno do deslumbrante Sol de Aquino.

Implorando, pois, a valiosíssima intercessão do nosso Santo, e agradecendo desde já a deferência imerecida da benemérita Comissão e a generosidade de tão benévola e culta assembléia, entrarei no assunto que, com o auxílio de Deus, me propus tratar neste primeiro dia: - *Santo Tomás de Aquino, o Anjo dos corações ansiosos de paz no Amor.*

I

Santo Tomás de Aquino, o Anjo dos corações ansiosos de paz no Amor

O Doutor Angélico. - Não foi somente pela inteligência e coração de Anjo que Santo Tomás de Aquino conquistou o título de *Doutor Angélico.* Basta percorrer o que êle deixou escrito acerca das celestes Jerarquias, para assentar que só um Anjo poderia assim falar dos Anjos, seus irmãos.

Entre os sublimes segredos que do mundo angélico nos revela, ao tratar, na *1.ª Parte* da *Suma Teológica,* da *Acção dos Anjos sobre os homens,* propõe, no *artigo 2.°* da *questão 111,* este interessante problema: -Podem os Anjos modificar a vontade do homem ? *Utrum Angeli possint immutare voluntatem hominis.*

A solução é-nos dada com a subtil profundeza de sempre.

De dois modos, raciocina o Doutor Angélico, pode a vontade ser movida ou modificada.

Ab interiori, isto é, da parte da mesma *potência,* por ninguém pode ser movida a vontade senão por Deus. Só Deus, único autor da natureza racional, que deu à sua criatura a faculdade de querer, é que pode modificar intrinsecamente essa potência no seu movimento para o bem.

Ab exteriori, isto é, da parte do *objecto,* a vontade é movida pelo bem e por quem lhe mostra o bem. Movimento *necessário,* é certo que só o bem universal, Deus, o pode determinar na vontade. O anjo, nem como objecto, nem como revelador do objecto, pode *necessitar* o movimento da vontade; mas tem, sem dúvida, o poder de a *inclinar,* propondo-se-lhe a si mesmo como objecto amável ou manifestando-lhe alguns bens criados, reflexos da bondade de Deus; e por este meio pode incliná-la ao amor de Deus ou da criatura, por modo

de quem persuade *(ad modum suadentis)*[2].

Anjo de santidade. - É desta influência de persuasão para mover as potências afectivas do homem por meio da manifestação da santidade amável que eu me proponho falar, ao repetir a exortação do Sumo Pontífice: *Ite ad Thomam!*

Corações insatisfeitos, que, acariciando um ideal de perfeição superior, vagueais no deserto do *pessimismo moral,* extraviados pelas miragens sem consistência, dum *diletantismo* deprimente e esterilizados *ite ad Thomam!* O Doutor Angélico é o Anjo de santidade que Deus vos envia, para vos preceder, para vos guardar no caminho que conduz ao monte da perfeição, para vos introduzir na terra prometida do repouso no Coração de Deus.

Manifestando a amabilidade da sua vida puríssima, toda consagrada a buscar a Deus, mostrando intuitivamente, com o seu exemplo, como a alma sobe ao monte da mais alta perfeição, e descansa enfim, plenamente pacificada, no amor do sumo Bem, Santo Tomás de Aquino é verdadeiramente o Anjo dos corações ansiosos da paz de Deus que supera todo sentimento.

Sigamo-lo, pois, na sua ascenção para o Amor. Vejamos como êle, arrebatado pelo ideal da perfeição, executa à risca o conselho de Jesus ao jovem, rico do Evangelho. Desembaraça-se de tudo e segue o divino Mestre na prática de todas as virtudes, até se ir engolfar no oceano da infinita Caridade.

Descrever esta ascenção do Doutor Angélico ao monte do Senhor, é mostrar o caminho que tantos corações inquietos ansiosamente procuram em nossos dias. Sigamos, pois, o Anjo de santidade que em nome de Deus nos precede: «Praecedet *te Angelus meus*». Segui-lo é entrar no caminho da paz no Amor: «*In viam pacis*».

Que é Deus?- Os biógrafos mais conscienciosos de Santo Tomás de Aquino pintam-no-lo, criancinha de pouco mais de cinco anos, numa concentração precoce, propondo já repetidas vezes aos seus mestres da escola beneditina de Monte Cassino a sublime questão: - Que é Deus? Verdadeiro *presságio,* pondera avisadamente o seu biógrafo G. da Tocco. Toda a vida, toda a carreira, toda a maravilhosa actividade, toda a razão de ser do Doutor Angélico foi, não somente por meio do estudo, do ensino, da palavra e da pena buscar a Deus com a inteligência, compreender e fazer compreender o que é Deus, mas sobretudo, pelo desprendimento total, pela oração constante, pela caridade ardentíssima, buscar a Deus com o coração, até se ir abismar em Deus-Amor num êxtase de serafim. E estes vôos seráficos do coração do Doutor Angélico para Deus-Amor são muito mais sublimes que os adejos querúbicos da sua inteligência para Deus-Verdade.

A - O Anjo desprende-se de todas as coisas e de si mesmo

Renúncia total. - «Se queres ser perfeito, vai, vende o que tens e dá-o aos pobres... e vem e segue-me»[3]. E, «se alguém quere vir após de mim, negue-se a si mesmo e tome a sua cruz e siga-me»[4]. Assim pregara Jesus. Quere dizer: para atingir as cumiadas do monte da perfeição, é mister deixar todas as coisas, mais ainda, deixar-se a si mesmo, e, em seguimento de Jesus, caminho único que nos conduz ao Pai, entregar totalmente o coração às misteriosas influências do Amor Divino.

Norteado por estes princípios, que tão angelicamente explanaria mais tarde nos seus livros imortais, começou o jovem Tomás de Aquino por se desprender de tudo, a fim de seguir perfeitamente a voz daquele que lhe segredara ao coração: *Sequere me,* segue-me!

---

[2] *S. Th.* 1. q. 106, a. 2.
[3] *Mt* 19, 12.
[4] *Mt* 16, 24.

E com que generosa magnanimidade corta por todas as coisas com que o mundo o poderia enlaçar! Não é verdadeiramente angélico o desprendimento com que um filho dos senhores de Aquino, um neto duma filha de Frederico Barbarroxa abandona, com sublime desdém, as riquezas e bem-estar da casa paterna, para abraçar a pobreza austera duma Ordem Mendicante no seu primeiro fervor? E não se objecte que, não sendo Tomás o filho mais velho, estava por nascimento excluído de vir a lograr as grandezas do Condado de seus pais; porque bem cedo a família tinha procurado assegurar-lhe um domínio nada inferior ao de Roccasecca.

Aos cinco anos, logo que o menino se pôde desquitar dos cuidados da ama e das carícias da mãe, conduziram-no com grande pompa à Abadia de Monte Cassino, e ofereceram-no graciosamente a Deus. Sem contestarmos as intenções religiosas dos pais de Tomás, tão próprias daquela época de fé, advirtamos contudo que a essa tão precoce oblação não seriam talvez extranhos sentimentos menos nobres: «Os interesses de família, pondera um escritor recente, irmão de hábito do nosso Santo, as ambições, a paixão das grandezas, enfim a própria diplomacia entravam em grande parte na oblação de Tomás a Deus»[5].

A Abadia de Monte Cassino, a mais importante da Apúlia e da Campânia, compreendia sete bispados, e o Abade desempenhava funções episcopais. O Mosteiro era o centro duma vasta potência territorial; em caso de necessidade, transformava-se em fortaleza[6].

Vir um dia a apoderar-se pacificamente das imensas rendas e influência da Abadia vizinha, que esplêndida perspectiva para as desmedidas ambições dum grande senhor da Idade Média! O Conde de Aquino deixou-se fascinar... Aquele seu filho, com tão felizes disposições para monge, iria preparar-se para vir a ser, um dia, Abade de Monte Cassino.

Muitos outros, porém, eram os desígnios de Deus. Naquela atmosfera embalsamada de profundo espiritualismo e misticismo, naquele ambiente de estudo e arte, de oração e esplendor litúrgico, que envolvia a grande Abadia beneditina, o menino privilegiado iria preparar-se para a sua missão de Anjo das inteligências e dos corações. Mas essa grandiosa missão não a havia de exercer, empunhando o báculo abacial e desfrutando as copiosas rendas do poderoso mosteiro.

Acontecimentos providenciais, talvez a excomunhão de Frederico II por Gregório IX, em 20 de Março de 1239, com a conseqüente quebra da paz entre o Papa e o Imperador, e a evacuação de Monte Cassino, um dos principais baluartes do partido pontifício, forçaram Tomás a despir o hábito de oblato beneditino, para regressar ao seio da família.

Esta, porém, não desistia dos seus ambiciosos pensamentos. Para que o futuro Abade de Monte Cassino aos títulos, com que o nascimento, os extraordinários dotes intelectuais e morais e a esmerada educação o haviam enriquecido, pudesse acrescentar mais um, de infalível eficácia - o prestígio da ciência, enviaram-no à Universidade de Nápoles.

Deus, porém, dirigia-o àquele centro do saber, para lhe mostrar definitivamente o caminho por onde êle devia remontar-se ao monte da perfeição.

Religioso Dominicano. - Foi em Nápoles que Tomás entrou em relações com os filhos de S. Domingos. Fundada, havia vinte anos, a Ordem dos Pregadores, pela sua actividade, pelos fins que se propunha, pelos meios que empregava, era uma novidade, uma Ordem inteiramente moderna. Mas de tal maneira correspondia às exigências da época que se propagou com a rapidez das grandes invasões.

E Tomás de Aquino, o assombro dos mestres e estudantes da Universidade de Nápoles pelo brilho da inteligência e pureza da vida, estava admiravelmente preparado para ser atingido pelo contágio benéfico.

É que os Dominicanos, entre os estudantes, eram ao mesmo tempo doutores,

---

[5] Petitot, O. P., *Saint Thomas d'Aquin*[4], pág. 16.
[6] *Id. ibid.*

pregadores, capelães. E nem por isso deixavam de ser monges em toda a força do termo, com o ofício coral, as observâncias monásticas, o jejum e a abstinência, um voto de pobreza mais rigoroso ainda que o das Ordens antigaSanto Tomás de Aquino encontrava no convento e capela dos Pregadores de Nápoles o que mais o enlevara em Monte Cassino: os ofícios canónicos, a Liturgia; e admirava dois elementos novos: a acção pela palavra e pelo ensino superior. Este ideal seduziu-o. Sem deixar de ser monge, haver de pregar a doutrina na igreja e ensinar a teologia na cátedra, eis uma vocação que lhe satisfaria todas as aspirações das suas múltiplas faculdades e que sobretudo lhe daria ensejo de se desprender totalmente da família, dos bens terrenos, das dignidades eclesiásticas, de si mesmo enfim, para voar com asas de anjo para Deus, suma Verdade e sumo Bem,

Seria essa a vontade de Deus? Tomás pesou bem todas as dificuldades, implorou na oração as luzes do Espírito Santo, ouviu os conselhos do seu director, e, como a voz de Deus era clara, vestiu o hábito de S. Domingos nos primeiros meses de 1244, tendo já completado 19 anos.

Hora decisiva na vida do nosso Santo. Foi cortar num momento todas as amarras que o prendiam à terra, para se remontar, num surto de anjo, às mais altas regiões da santidade.

Foi romper todos os laços da carne e sangue. Debalde a condessa Teodora apela para as carícias de mãe, para os direitos de senhora, para os interesses temporais de sua casa. Debalde tudo põe em campo, a sua influência com o Papa, a violência das armas de seus filhos, a ternura e lágrimas das filhas. Puderam detê-lo por surpresa em Aquapendente, tentar inutilmente arrancar-lhe o hábito dominicano, encerrá-lo durante longos meses na torre do castelo de S. João, procurar rendê-lo ora pela ternura, ora pela persuasão, ora pelo rigor e violência.

Na dureza do cativeiro injusto, como se vivesse no mais ordenado convento, Tomás, inabalável no santo propósito, perfeitamente sereno e feliz, estudava os *Sofismas* de Aristóteles, as *Sentenças* de Pedro Lombardo, e, entregando-se a uma análise profundíssima da Bíblia, começava a adquirir esse prodigioso conhecimento do livro sagrado que em suas obras nos assombra. Sobretudo robustecia a alma com a oração constante para a tremenda batalha, em que se ia decidir se Tomás, tristemente vencido, ficaria preso à terra pelas seduções dos sentidos, ou se, heroicamente vencedor, se altearia com asas de anjo às mais sublimes cumiadas da sabedoria e da virtude, da contemplação e da caridade.

Anjo de pureza.- Os seus irmãos Rainaldo e Landolfo maquinam um plano verdadeiramente diabólico que, infelizmente, muitos pais desnaturados se não pejam de empregar, para perverter os filhos a que Jesus Cristo se digna dizer amorosamente: Segue-me. O haverem-lhe rasgado violentamente o hábito só servira para se lhe atear mais vivo o amor à Ordem Dominicana. Pois bem, roubar-lhe-iam a pureza e, com a pureza, o amor à vocação.

É universalmente conhecida a ignóbil e covardíssima cilada, urdida pelos dois corrutos cavaleiros, e a sublime coragem do puríssimo jovem, que, empunhando um tição aceso, afugentou a infame criatura, subrepticiamente introduzida na torre, para o despojar da inocência.

Como é belo este Anjo de pureza, radiante da vitória, traçando na parede com o mesmo tição uma cruz negra, como para afugentar para sempre todas as imagens e visões tentadoras, e pedindo longamente a Deus que se dignasse preservá-lo para sempre da menor quebra da santa pureza!

E o Deus das almas puras acolheu benignamente aquela prece. Cansado da luta, adormecera por fim o jovem triunfador. No mais profundo do sono, eis que se avizinham dois Anjos luminosos e lhe cingem os rins com um cordão incandescente. Soltando um grito de dor, despertou confirmado na pureza. Nunca mais na sua vida sentiria a revolta da natureza inferior. Passaria tão puro através da existência de perto de 50 anos que Fr. Reginaldo de

Piperno, discípulo, amigo e confessor do nosso Santo, poderia depor nas Actas do processo de canonização que a sua última confissão fora como a dum inocentinho de cinco anos que nunca tivesse nem a mais leve sombra de pecado mortal consentido.

Liberdade plena. -Em recompensa da heróica vitória do Anjo da torre de S. João, dispunha a Providência que dentro em breve lhe fosse dado recuperar a liberdade ... A liberdade de romper todos os laços que o cativavam à terra, a nobre liberdade de se desprender da carne e sangue e da fascinação das vaidades mundanas, a santa liberdade de voar ao convento, a que Deus o chamava, para imolar em holocausto a Deus a sua própria liberdade e, generosamente liberto do seu próprio *eu,* remontar-se de virtude em virtude às sublimes regiões onde os serafins se consomem em puríssima caridade.

Ah! Senhores! Como é bela, como é arrebatadora, doravante, na paz do claustro, a vida do Anjo de Aquino. Absolutamente livre do cativeiro do mundo e dos sentidos, definitivamente entregue ao ímpeto do Espírito, o Anjo bate constantemente as asas candidíssimas numa região, toda luz e amor, para as mais altas cumiadas da sabedoria e da santidade.

Na impossibilidade de o seguir, ao mesmo tempo, nos vôos da inteligência e do coração, concentremos por um momento o olhar extasiado sobre a senda iluminada das mais heróicas virtudes, por onde o Anjo de Aquino se remontou aos mais inflamados páramos da caridade.

Procuremos focar, mais não seja que de relance, a fisionomia característica da vida espiritual de Tomás de Aquino, como religioso dominicano. Veremos que o nosso Santo, por meio de austeridades, sobretudo internas, por um ascetismo que um autor dominicano[7], em nossos dias, com tanta felicidade qualificou de *intelectual,* se elevou às mais sublimes culminâncias do misticismo, de sorte que se pode afoitamente assentar que a sua vida, ao menos nos últimos tempos, era já um contínuo êxtase em que ele prelibava, quanto é possível ao homem viador, as delícias da visão e amor eterno, que no seio de Deus estão reservadas ao compreensor.

*

* *

Ascetismo «intelectual» de Santo Tomás.- Não espereis encontrar no Doutor Angélico as disciplinas de sangue, as macerações violentas, todas essas austeridades crucificantes dum ascetismo predominantemente *corporal,* que nos espantam, por exemplo, em S. Domingos e nos primeiros Frades Pregadores. A vida ascética de Santo Tomás é intensíssima; mas, toda ordem para o fim, toda condicionada pela sua missão providencial. «Em Santo Tomás, observa o R. P. Petitot O. P.[8], em Santo Tomás, que foi e continua sendo o protótipo acabado do monge filósofo e teólogo, o ascetismo tornou-se menos violento, menos momentâneo, menos exterior, menos sangrento e, neste sentido, menos à flor da pele; pelo contrário, foi mais interior, mais profundo; atingiu não somente o coração, mas a própria cabeça, foi, por assim dizer, mais intelectual».

Todo o ascetismo cristão é um conjunto de exercícios pelos quais o fiel modera, restringe, cerceia, mortifica em si mesmo as funções animais ou inferiores, a vida sensual ou sensível, exterior, para desenvolver as faculdades superiores, para aumentar a vida interior, espiritual, contemplativa.

Mas o ascetismo não é um fim, é um meio para atingir a perfeição da vida espiritual, meio que na escolha das infinitas práticas ascéticas possíveis terá de se acomodar às condições específicas de cada vocação. Na arena da perfeição cada lutador, para vir a colher

---

[7] Petitot, O. P., *Saint Thomas d'Aquin*[4]*,* pág. 111.
[8] *Saint Thomas d'Aquin*[4]*,* pág. 111.

os loiros da vitória, terá necessariamente de brandir armas proporcionadas ao fim especial que a Providência lhe propõe.

Ora, pelas mais eminentes qualidades do seu espírito, pelas mais ardentes aspirações do seu coração, pela direcção que Deus fora imprimindo à sua vida, pelas indicações dos seus mestres e prescrições dos superiores, Santo Tomás não podia ter a mínima dúvida de que a sua missão providencial era realizar em si, em toda a integridade, o ideal da vida dominicana, como a concebiam no século XIII: isto é, entregar-se ao estudo, ao ensino superior, à pregação erudita, numa palavra, ser Doutor e Pregador da verdade; buscar, encontrar e comunicar a Deus, compreender e fazer compreender o que é Deus com a inteligência, encontrar, abraçar e fazer encontrar e abraçar a Deus com o coração.

Quem não perder de vista esta missão providencial de Santo Tomás de Aquino, conceberá uma idéia muito mais elevada do seu ascetismo intelectual. Sentir-se-á extasiado, ao verificar a mortificação constante, universal, intensíssima a que o Doutor Angélico se obrigou, para cortar cerce todos os laços que, ainda mesmo na vida religiosa, lhe poderiam ter retardado os vôos da inteligência e do coração para Deus, Verdade e Amor.

Não insistamos nas práticas de ascetismo mais exterior, como as vigílias continuadas, a abstinência perpétua de carne e o jejum de 7 meses por ano que Santo Tomás, fidelíssimo observador dos preceitos da Igreja e dos estatutos da sua Ordem, constantemente guardou, ainda em circunstâncias que naturalmente o dispensavam.

Notemos apenas de passagem um facto que nos é transmitido por Fr. Reginaldo de Piperno, íntimo confidente do Santo, e que bem nos mostra o carácter intelectual do seu ascetismo. Andava o Santo ocupado em comentar Isaías. Como quer que não pudesse penetrar um passo mais difícil, afligiu-se durante muitos dias com, jejuns, para que Deus lhe revelasse o sentido oculto da Escritura. E se, como refere o biógrafo G. da Tocco, Santo Tomás não comia senão uma vez ao dia, é porque esse regime de perpétuo jejum lhe facilitava os vôos do espírito e do coração para o estudo e contemplação.

Mas há outras privações ascéticas mais penosas que a abstinência e o jejum, e mais indispensáveis para a vida interior: são a separação da sociedade, a reclusão, o recolhimento, a mortificação da língua e da necessidade natural de expansão. Guardar a cela e guardar o silêncio são as duas condições primordiais para quem-quer-que se dispõe a subir pelo estudo e contemplação à Ciência e ao Amor.

E é por isso que Santo Tomás foi modelo acabadíssimo nestes dois pontos essenciais do ascetismo monástico. Não imaginemos que o seu amor à solidão, e a lendária taciturnidade, que levou os condiscípulos a alcunharem-no de *boi mudo da Sicilia,* era mera tendência espontânea do carácter ou temperamento; era concentração consciente, metódica, muito intencional, dum espírito perpetuamente absorvido pelo problema que, já aos cinco anos, o levava a inquirir: Que é Deus?

Todo o tempo lhe parecia pouco para corresponder à sua vocação de buscar o Deus da sua inteligência e do seu coração, e por isso é que êle fugia de conversas e recreações dispensáveis, por isso é que evitava sair do convento, por isso é que se abstinha de relações exteriores que a muitos pareceriam necessárias, por isso é que se excusava de ir visitar o rei S. Luís, alegando que, extremamente ocupado pelas suas lições, andava além disso absorvido na composição da *Suma Teológica.* E a única vez que aceitou o convite para a mesa do rei, foi porque S. Luís insistiu, a ponto de fazer intervir o Prior.

A todas estas privações se sujeitou Santo Tomás durante a vida inteira, para encontrar o tesoiro escondido da Ciência e da Virtude.

Mais ainda. Santo Tomás, para corresponder à sua vocação providencial, fez um sacrifício mais penoso e meritório: o sacrifício da curiosidade mais louvável em si, que é o desejo de saber. Há porventura, perguntava Taine, sacrifício mais custoso que o que faz o homem de estudos que, atingindo a maturidade, deve renunciar a certas aptidões artísticas,

políticas, literárias, científicas, a fim de se avantajar numa especialidade?

Pois bem, observa o autor dominicano já tantas vezes citado[9], a quem vamos seguindo muito de perto em toda a nossa exposição, «como a maior parte dos grandes gênios, Santo Tomás era muito completo. Aos vinte anos, a sua natureza continha virtualmente várias personalidades possíveis, todas eminentes. Pois deixou-as morrer em si, preferiu não ser mais que o primeiro dos teólogos. Ou antes seguiu simplesmente, sob a direcção da obediência, a sua vocação particular. Separou-se do mundo, renunciou a todas as relações, enclausurou-se numa pobre cela. Ali, incansavelmente, cavou, aprofundou as questões teológicas», sacrificando todas as demais tendências.

Sacrificou, por exemplo, aptidões políticas de primeira ordem.

Quem escreveu, como Santo Tomás, sobre os mais intrincados problemas políticos e sociais, era certamente capaz de governar. Pois bem, apesar de ser previamente consultado por S. Luís em todos os negócios delicados do governo do Estado, nunca, depois de ter mandado por escrito o seu parecer ao Santo Rei, cedeu à tentação de se ingerir nos enredos políticos; não obstante ter vivido tão perto do Papa e dos Cardiais, como teólogo da Cúria romana, jamais se deixou dominar do pensamento de influir nos negócios eclesiásticos. «Nunca serei mais que um simples Pregador», respondia êle singelamente ao seu amigo Fr. Reginaldo, que lhe dissera um dia: «Sereis nomeado Cardial com Fr. Boaventura e toda a ordem se alegrará com isso». Assim mortificava Santo Tomás todo apetite da vontade ou da inteligência que o pudesse distrair da sua vocação intelectual.

Em resumo. Durante toda a sua vida religiosa, Santo Tomás não fêz mais do que desprender-se de si mesmo, do seu próprio *eu,* para voar sem impedimento para o Deus da sua inteligência e do seu coração.

Profundíssima humildade. - Este esforço constante para se desprender do próprio *eu,* este ascetismo intelectual, tão característico do nosso Santo, levou o a essa profundíssima humildade que na Encíclica «*Studiorum ducem*» o nosso Santíssimo Padre, o Papa Pio XI, tão enternecidamente celebra no Anjo das escolas.

Ah! a humildade, essa irmã gêmea da pureza, essa filha da luz, essa virtude sublime que mais que nenhuma outra leva a Deus, a humildade que, no dizer de S. Agostinho, é a pureza do espírito, como a castidade é a humildade da carne, a humildade perfeita é um dos traços mais característicos de Tomás, o Doutor da Verdade! Guilherme da Tocco, discípulo e depois biógrafo do Santo, refere uma confidencia que Tomás, na sua simplicidade, fazia a um amigo: - *«Regratior Deo, nunquam de de mea scientia, cathedra magistrali et de nullo actu scholastico habui motam inanis gloriae, qui meum a sede humilitatis extolleret animum.* Graças a Deus, nunca da minha ciência, da cátedra doutoral, de acto nenhum escolar tive um movimento de vangloria, que levantasse o meu espírito das profundezas da humildade».

«Maravilhosa humildade, unida a tão alto saber! -exclamaremos com o Eminentíssimo Cardial Laurenti, num discurso há pouco pronunciado em presença de Sua Santidade Pio XI[10]. Tomás, o teólogo de Urbano IV, o conselheiro de Luís IX de França, o luminar da Universidade de Paris, obedece, como uma criança, ao irmão leigo que lhe fora dado para o assistir...

Assombrosa humildade, unida a tanto saber! Na imensa mole dos seus escritos não encontrareis uma só palavra que traia um movimento de orgulho, que tenda a pôr em foco a sua pessoa. Pode dizer-se dele, como do Precursor, que foi uma voz, *Ego vox,* uma voz que não parece pronunciada por um homem, que tem quási um carácter impessoal, que nada diz do autor, para dar somente testemunho à verdade».

Ora, meus Senhores, há uma lei providencial que jamais sofre excepção: - «Quem se

---

[9] *Saint Thomas d'Aquin*[4], pág. 124s.
[10] *Acta Hebdomadae Thomisticae,* Romae 1924, pág. 234.

humilha, será exaltado». Se, pois, esse homem extraordinário, que se podia gloriar de pertencer a uma das sete mais ilustres famílias de Itália, se esse gênio portentoso, que nos seus estudos tinha voado de triunfo em triunfo, que antes dos trinta anos era o mais autorizado professor da Universidade de Paris e o defensor da sua Ordem na Corte Pontifícia, que já em vida tinha entrado na imortalidade, a ponto de nas escolas ser o seu nome citado com o de Alberto Magno, seu mestre, ao lado do de Aristóteles, se esse Mestre de prestígio incomparável, que não tardaria a ser apelidado em toda a Igreja «*Doctor communis*», se encontrava tão profundamente aniquilado nessa humildade simples, verdadeira, sincera, sem constrangimentos nem exagerações, que jamais cedera conscientemente nem ao mais leve movimento de orgulho, - oh! estai certos que o Deus que resiste aos soberbos e exalta os humildes não deixará de o elevar às mais sublimes regiões do misticismo cristão.

B - O Anjo voa para Deus-Amor

O maravilhoso par de asas da especulação e da contemplação. - Generosamente desprendido de toda a fascinação da vaidade terrena, do amor repreensível da carne e sangue, das cobiças e ambições mundanas, pela entrada na Religião Dominicana, angèlicamente liberto para sempre do cativeiro dos sentidos depravados, em prêmio do heroísmo com que lutara pela pureza, despojado enfim do próprio *eu* pelo ascetismo físico e intelectual que o estabelecera na mais extraordinária humildade, o Anjo estava divinamente disposto para se entregar de todo ao ímpeto do espírito, para se remontar sobre o maravilhoso par de asas da especulação e da contemplação àquele Deus de infinita Verdade e Amor que desde os mais tenros anos o vinha fascinando.

Aquela alma tão pura, tão humilde, sem véu algum de sensualidade ou orgulho, oferecia perpètuamente aos influxos do céu a sua angélica transparência. Que admira que o Sol de justiça ali se compraza em reverberar os deslumbrantes clarões da Verdade e atear os místicos incêndios do Amor?!

Oh! o aspecto mais belo e característico do perfil de Santo Tomás é certamente este: a sua vida interior é uma série ininterrompida de ascenções para Deus pela inteligência e pelo coração. De facto, em Santo Tomás acender na inteligência mais um clarão de verdade é avivar no coração mais uma faísca de amor; assim como atear directamente incêndios no coração é iluminar com novas luzes a inteligência.

Quere dizer, a vida de Santo Tomás de Aquino era toda especulação e contemplação, e de tal maneira se iam entrelaçando e fundindo uma na outra durante o dia, que a oração e contemplação preparavam a especulação, e inversamente. Fr. Reginaldo atestava que «cada vez que Fr. Tomás queria estudar, sustentar uma discussão, ensinar, escrever ou ditar, recorria primeiro à oração em secreto, e que freqüentemente derramava lágrimas, antes de se consagrar ao estudo das verdades divinas. E, se alguma dúvida se vinha apresentar ao seu espírito, interrompia o trabalho, para recorrer de novo à oração»[11].

Terníssima piedade, que tem por centro o Sacramento do Amor. - Não seria necessário outro testemunho para concluirmos que a vida de Santo Tomás foi a realização perfeita do preceito da Escritura: «*Sine intermissione orate*», orai sem cessar[12]; para assentarmos que a sua alma estava impregnada de terníssima piedade e altíssimo misticismo. Piedade tão terna que se exteriorizava num dom de lágrimas absolutamente singular. Misticismo tão elevado que os fenômenos mais extraordinários, como visões, revelações, suspensões dos sentidos, raptos, são freqüentíssimos na vida de Santo Tomás. Mas é sobretudo o êxtase que, ao menos nos últimos tempos, se pode dizer o seu estado, não só

[11] Petitot, O. P., *Saint Thomas d'Aquin*[4], pág. 127.
[12] 1 Thess. 5, 17.

freqüentíssimo mas quási ordinário, mormente na missa e diante do Santíssimo Sacramento.

Oh! a SS.ma Eucaristia! O Deus do Sacrário! Eis a sua devoção predilecta! Eis o centro de toda a vida mística de Santo Tomás. Ali estava concentrada toda a sua confiança; era ali que êle ia buscar a solução das suas dificuldades. Mais de cem vezes se sabe positivamente que êle foi preguntar a Jesus Sacramentado se tal questão da *Suma,* a que acabava de dar a última demão, era conforme à Verdade. Que belo tema para inspirar um pintor genial! Aquela portentosa cabeça, não encontrando a solução duma dúvida, fora apoiar-se com filial confiança no Sacrário, a pedir um raiozinho da infinita Luz, mais ainda, uma palavra de aprovação!

E o Deus do Sacrário falou. Por duas vezes se sabe que o Doutor Angélico recebera esta resposta do Senhor: *«Bene scripsisti de me, Thoma,* bem escreveste de mim, Tomás». A primeira foi em Paris. Agitava-se vivamente entre os Mestres da Universidade uma controvérsia àcêrca das espécies eucarísticas. Fr. Tomás, instado para tratar por escrito a questão, depois de concluir o seu trabalho, viera apresentar o manuscrito a Jesus Sacramentado, pedindo-lhe que o não deixasse sustentar opiniões errôneas. Foi então que Jesus lhe respondeu: «Bem escreveste do Sacramento do meu Corpo». A segunda foi em Salerno. Compunha então a 3.a Parte da *Suma* sobre a Paixão e Ressurreição de Cristo. Uma voz, que pareceu brotar dos lábios do Crucifixo, exclamou: «Bem escreveste de mim, Tomás; que recompensa queres tu receber?» - «Nenhuma outra além de Vós»-foi a resposta do Santo, num arroubamento de caridade.

O amor terníssimo de Santo Tomás de Aquino para com a SS.ma Eucaristia, ficou-nos, por assim dizer, divinamente cristalizado nos seus incomparáveis escritos.

Tomai sobretudo a sua obra-prima literária e mística - o Ofício do Santíssimo Corpo de Cristo, composto por êle a instâncias de Urbano IV. Lede, meditai... cantai... e não podereis conter as lágrimas. Tão sublimes harmonias só no céu as sabem desferir, diante do trono do Cordeiro, as harpas angélicas.

Anjo transformado em Amor.- Na perpétua intimidade em que Santo Tomás viveu com Deus no Sacramento do Amor, a sua alma puríssima foi-se transformando em caridade.

Oh! não haver tempo para traçar mais demoradamente o perfil do seu amor para com o próximo e para com Deus! Seria indubitavelmente o aspecto mais arrebatador desta fisionomia de Anjo.

Veríamos como Tomás, esse magnífico rei do pensamento» associa aos vôos da inteligência as delicadas ternuras do coração, a suavidade de carácter, a amabilidade de trato, a compaixão para com todas as misérias. Como foi suave a sua amizade com S. Boaventura, com S. Alberto Magno, seu mestre, com Fr. Reginaldo de Piperno, seu discípulo, seu confidente, seu confessor! Até no leito da morte conservou estas santas delicadezas de coração. Quem não se enternecerá, ao recordar aquelas santas contendas de caridade entre os monges de Fossanova, carreando aos ombros a lenha para aquecer a cela do santo hóspede, e este, em prova da sua gratidão, fazendo um supremo esforço para comentar o Cântico dos Cânticos!

Do seu amor para com Deus, baste-nos acrescentar ao que em todo este discurso temos apontado, que o seu coração, desprendido de tudo, se fixara, há muito, no Homem-Deus sob os dois aspectos mais comovedores: o Crucifixo e a Hóstia, o Calvário e o Cenáculo.

Se a sua vida, nos últimos anos ao menos, se pode bem chamar um êxtase ininterrupto, nos últimos meses, desde a festa de S. Nicolau de 1273 até à data da sua santa morte, em 7 de Março de 1274, foi já um viver na antecâmara do céu.

Em 6 de Dezembro de 1273, em Nápoles, *onde começara a sua vida religiosa,* celebrando a Missa na capela de S. Nicolau, foi arrebatado em êxtase e teve uma visão extraordinária. Ao sair desse rapto intenso e prolongado, vinha extranhamente transformado-

«*Mira mutatione commotus*». Andava nessa época ocupado a concluir a *Suma;* tinha chegado ao Sacramento da Penitência ... Pois caiu-lhe para sempre a pena da mão. Nunca mais escreveu nem ditou. E, como Fr. Reginaldo, filialmente importuno, instasse com o Mestre que voltasse ao trabalho e não deixasse por concluir monumento de tanta glória para Deus, acabou por dar esta resposta: «Não posso mais; depois do que vi, tudo o que tenho escrito me parecem palhas».

Tinha chegado ao termo da sua ascensão para Deus. Era a aurora do dia sem ocaso. Os seus olhos, deslumbrados pelos clarões da eternidade, já não se podiam fixar senão em Deus, que lhe dissera : «*Intra in gaudium Domini tui,* entra no gozo do teu Senhor». Encontrara enfim a solução do problema de toda a sua vida. Ia ver, amar, gozar do seu Deus.

Na viagem para o Concilio de Lião, a que fora pessoalmente chamado pelo Papa Gregório X, cai gravemente enfermo. No mosteiro de Fossanova, rodeado pelos monges Cistercienses em pranto suavíssimo, vai o ilustre moribundo receber o Sagrado Viático. Ao ver aproximar-se o Amor de toda a sua vida, um latejo de caridade ardentíssima reanima-lhe a vida fugitiva, e voltado para o seu Jesus Sacramentado dirige-lhe estas palavras em que está toda a alma do Anjo de Aquino:- *«Sumo Te, pretiam redemptions animae meae; sumo Te, viaticum peregrinationis meae, pro cujus amore studui, vigilavi et laboravi, praedicavi et docui,* recebo-Te, preço da redenção de minha alma; recebo-Te, viático da minha peregrinação, por cujo amor estudei, vigiei e trabalhei, preguei e ensinei»[13].

E aquele coração, insaciável de paz no Amor, que, desde os primeiros alvores da razão, em palpitações inflamadas, não cessara de inquirir: Que é Deus? - aquele coração que, para voar com asas de anjo para Deus, generosamente se desprendera de tudo, - ei-lo, enfim, eternamente repoisando na plenitude da paz no Amor, no Coração de Deus.

*

* *

Conclusão. - Corações inquietos - vou concluir com a exortação do nosso Santíssimo Padre o Papa Pio XI-, corações ansiosos de paz no verdadeiro Amor, *ite ad Thomam!* Eis o Anjo que Deus, na sua amorosa Providência, vos envia para vos preceder, para vos guardar no caminho que leva à paz, para vos introduzir na terra da promis-são, onde corre perpètuamente o rio de doçura e felicidade plena, que na aridez do deserto, onde morreis à sede, baldadamente vos cansareis a procurar.

Não vos iludais. O bem, o amor, a paz, a alegria, a felicidade enfim, que vós, perpètuamente irrequietos, andais buscando, só na fonte, que para além desse árido deserto está borbulhando, a podereis encontrar: e essa fonte é Deus, unicamente Deus.

Quereis a paz no Amor? Eia, sus! a caminho para a terra da promissão. É árduo, eriçado de espinhos, ladeado de precipícios esse caminho que, através do deserto, conduz à região da paz no Amor?

Segui o Anjo que Deus vos envia. Êle já percorreu esses caminhos difíceis.

Cortai, pois, com êle todas as amarras que vos prendem às vaidades, às cobiças, às ambições da terra; libertai-vos com êle de todos os laços que vos possam cativar às seduções dos sentidos depravados; despojai-vos de vós mesmos nos abatimentos da mais profunda humildade; e depois, librados no angélico par de asas da especulação e da oração, voai, voai para Deus, suma Verdade e supremo Amor. Ao encontrá-lo, exclamareis arrebatados: *Haec requies meã!* Eis o meu repoiso para toda a eternidade. Em seguimento do Anjo dos corações, tereis alcançado a paz no Amor, no Coração de Deus.

[13] G. da Tocco.

II

Santo Tomás de Aquino, o Anjo das inteligências ansiosas de paz na Verdade

Ecce ego mittam angelum meum, qui prcecedat te, et custodiat in via, et introducat in locum quem paravi. (EXOD. 23, 20).

Na «selva escura» de sistemas pseudofilosóficos. - Na aridez do deserto imenso, em que, um infinito povo tragicamente se extravia em demanda duma sonhada terra de promissão, mais longe da verdadeira paz do que os mesmos corações inquietos que baldadamente se esforçam por descansar no Bem, aparecem-nos -já ontem o notámos - inumeráveis inteligências, como sombras tristes, numa ânsia de luz, a vaguear, tateando as trevas, na *selva escura* de sistemas pseudo-filosóficos que, tendo começado por anunciar soberbamente que a Razão descobrira enfim a árvore encantada da Ciência universal, acabam por se confessar radicalmente impotentes para atingir a Verdade!

Lamentável espectáculo! Quantas inteligências, feitas para a luz, ansiosas de luz, - perdidas nesse inextricável labirinto - nesse inferno de trevas exteriores! E Deus sabe que essas inteligências sofrem, numa verdadeira pena de dano, a nostalgia da Verdade.

Cegos, entregaram-se a guias tão orgulhosamente presumidos como inexperientes, a guias mais cegos enfim. Eis o resultado miserando: uma infinita multidão de cegos e guias de cegos, nostálgicos da Luz, e, perdidos no deserto, a maldizer a Luz!

Desamparadas a si mesmas e às sentenças sibilinas dos oráculos que as ludibriam, essas pobres inteligências, que de sistema em sistema vão interrogando cèpticamente: «*Quid est veritas?*»-nem de longe alcançariam jamais contemplar a terra da promissão da Verdade!

Mas, bendita seja a Providência amorosa!

É sobretudo a esses transviados peregrinos da Luz que Deus, na sua misericórdia sem fim, vem levantar os ânimos desalentados de tanto errar, oferecendo-lhes um guia seguríssimo no Doutor Angélico e bradando-lhes compassivamente: «*Ecce ego mittam Angelum meum ...*»

É sobretudo a essas inteligências errantes na *selva escura* dos preconceitos pseudo-filosóficos, ansiosas de encontrar a paz na Verdade, que o nosso SS.^{mo} Padre, o Papa Pio XI, dirige na Encíclica «*Studiorum ducem*» o instantíssimo apelo: *Ite ad Thomam!*

Oh! sem dúvida, depois das progressivas e humilhantes abdicações da Razão humana perante os mais desvairados sistemas filosóficos, é agudíssima actualmente a crise das inteligências contemporâneas que, fatigadas de tanto vaguear inútil atrás dos guias de cegos, se abandonaram por fim às torturas do *pessimismo intelectual.* Mas, se elas se resolverem a seguir o Anjo a que Deus, pela voz do seu Vigário, as confia, ver-se-ão seguramente introduzidas na terra da promissão da Verdade.

O Doutor Angélico se digne também ser para mim Anjo de Luz na explanação destas três idéias que, bem assimiladas, a tantos espíritos inquietos poderiam salvar da anarquia intelectual, dando-lhes, com a Verdade, a tranqüilidade na ordem e na luz.

A - Síntese histórica das abdicações da Razão

A crise intelectual é um dos aspectos mais lancinantes da humanidade contemporânea.

Não falemos já da pavorosa crise de supina *ignorância,* em que se debatem as classes iletradas, de tudo quanto diz respeito ao destino humano e dá sentido a esta vida. Para iluminar as trevas dessa ignorância, não seria tão necessário o Sol de Aquino com os clarões

deslumbrantes da *Suma Teológica,* como a luz, suavemente penetrante, dum bom Catecismo.

Ao tentarmos esboçar a crise do espírito moderno, temos diante dos olhos uma numerosíssima classe de contemporâneos nossos, tão apaixonados de cultura, ciência, filosofia, de inteligência enfim, que, ainda mesmo com desdoiro da modéstia, não hesitam muitas vezes em monopolizar os atributos de cultos, sábios, filósofos, numa palavra, *intelectuais.*

A crise, mais ou menos aguda, foi de sempre; tanto assim, que um célebre filósofo, se bem que em tom paradoxal, pôde sustentar a sério que a história da filosofia é a história das aberrações do espírito humano.

Sem embargo, ninguém ousará contestar que houve tempo em que na vasta Cristandade, por toda a parte, mormente nas celebérrimas Universidades que iluminavam o mundo, as inteligências, a-pesar-de apaixonadamente agitadas na faina de desenterrar os tesoiros escondidos no campo da Ciência, quanto às verdades essenciais donde depende a vida humana, descansavam seguras no seio da mais imperturbável tranqüilidade. Nessa época sabiam os homens geralmente o que era a Verdade e o caminho para a Verdade. Não vagueavam, perdidos no deserto da dúvida ou do pessimismo intelectual, tantos cegos e tantos guias de cegos.

Como os filhos de Israel, enquanto seguiram documente a coluna de nuvem e de fogo e o Anjo do Senhor que os precedia, avançaram seguramente através do deserto, assim essas inteligências, enquanto se deixaram guiar pela cintilante coluna da Verdade, que é a Igreja infalível, e pelo Anjo das escolas que lhes apontava o caminho para Deus, passaram sem extravios através dos mais escuros labirintos do erro.

Mas, quando os Hebreus se quiseram soberbamente emancipar da coluna de nuvem e de fogo e do Anjo do Testamento, que em nome de Deus os guiavam para Deus, quando, revoltados contra Iavè e Moisés, presumiram encontrar por si mesmos o caminho e resolveram sacrilegamente fabricar por suas mãos ídolos de oiro que os guiassem a seu modo, quando, numa palavra, a orgulhosa ingratidão apostatou de Deus,- então, por justo castigo, começaram os errores infinitos através do deserto.

Justíssima punição de semelhante apostasia é a crise em que se debatem as inteligências modernas. Sigamos rapidamente os despenhadeiros por onde a Razão humana, de erro em erro, foi resvalando à suprema abdicação em que hoje a vemos aviltada.

1. ***O livre exame***. - Com os primeiros alvores da Renascença, entra a acelerar-se um movimento geral de apostasia pública, de laicização progressiva. E a primeira a soltar gritos de insurreição contra a autoridade da Igreja foi precisamente a Razão.

Estava cansada de tão longa tutela, bradava; era tempo de se considerar emancipada. Não era mais que justo que procurasse por si mesma a Luz, a única faculdade feita no homem para a Luz? E, proclamando por guia único *o livre exame,* cerrou pertinazmente os olhos a todas as luzes da Revelação, e aventurou-se presumidamente à travessia do deserto sem fim em descobrimento da terra da promissão da verdade integral.

Todos sabem o que foi essa lamentável aventura do *livre exame.* Ainda não terminara o período agudo das orgias intelectuais da Reforma protestante, e já a Razão humana se sentia tão profundamente humilhada pelas suas aberrações, tão desesperadamente sufocada entre as garras de um cepticismo de morte, que estendia os braços suplicantes para alguém que a viesse salvar de tão intrincado labirinto e, numa ânsia desesperada de luz, entregava-se ao primeiro guia de cegos que lhe entremostrasse, a distância, qualquer vislumbre de verdade.

Não há nada mais eficaz para abater as orgulhosas pretensões da Razão, que blasona de autônoma e emancipada de toda a autoridade, do que tecer-lhe, não digo já, o catálogo dos inumeráveis aventureiros ou charlatães que se apresentaram com fogos fátuos a ludibriar as inteligências na sua ânsia de luz, mas simplesmente a lista dos guias, geralmente havidos por

gigantes do pensamento que, numa série ininterrupta de tentativas de salvação intelectual, foram impelindo a pobre Razão humana, de abdicação em abdicação, ao destronamento final.

2. ***O Cartesianismo.- Descartes*** (1595-1659), cristão e filósofo, mas não filósofo cristão, como finamente ponderava ainda há pouco um autor nosso[14], fascinado pelo sonho de fundar todo o saber sobre um princípio único, donde pudesse deduzir «*more geometrico*» um grande sistema de verdades, ao aparecer com o seu novo *Método,* para, longe dos caminhos batidos pela Escolástica, fazer a conquista da certeza, começou por aconselhar à Razão que duvidasse de tudo e de si mesma. Era o primeiro passo para a abdicação.

Depois de assim abalar até aos fundamentos o edifício intelectual do passado com a *dúvida universal,* ao tentar, por um processo radicalmente ilógico, erguer o vistoso castelo do seu sistema filosófico, baseou-se em postulados que implicavam a ruína da inteligência, pois que, falseando a própria noção do conhecimento, lançavam no pensamento ocidental os germens dessa raiz envenenada de todos os males do espírito moderno: *o idealismo.*

Com efeito, o autor do *Discurso do Método,* «rejeitando a distinção, clássica na antiga filosofia, entre a ordem do conhecimento humano e a ordem do ser, recusa partir das coisas e da experiência sensível»[15]. Servindo-se, como notava há pouco o filósofo J. Maritain, do célebre princípio «*Cogito, ergo sum*», como de mágico trampolim, para, dum salto, verdadeiramente mortal, pois que fundamentalmente ilógico, se instalar na veracidade divina, pretende começar por Deus todo o seu filosofar e, daquelas alturas, construir todo o edifício do saber por um processo meramente dedutivo, geométrico, no seio do puro pensamento.

Não é este o lugar e o momento oportunos de examinar pormenorizadamente o travamento de cada uma das partes da construção cartesiana. Para o nosso propósito basta reparar bem em duas pedras fundamentais nesse edifício.

É certo que esse castelo, mais vistoso do que sólido, se veio dentro em breve a desmoronar com fragor; mas de lá foram carreados, para servirem de pedras angulares ao moderno idealismo, estes dois postulados fatais:

1.° - que as nossas idéias, semelhantes às dos puros espíritos, dependem, *não* das coisas, senão directa e imediatamente da Causa primeira e das idéias criadoras.

2.°- derivado da teoria cartesiana da origem das ideias-quadros - que o conceito objectivo, isto é, o objecto imediatamente atingido pelo acto da percepção intelectual não é a própria coisa conhecida, senão uma imagem ou retrato da coisa em nós.

Descartes - façamos-lhe justiça - não negou jamais a existência do mundo exterior nem a possibilidade de atingirmos coisas existentes fora de nós, como querem idealistas de todos os matizes; não pretendeu nem previu os venenosos frutos de erro que aqueles germens, depostos na inteligência cristã, viriam a produzir. Mas, não há dúvida, naqueles dois postulados estavam as razões seminais da árvore idealista.

3. ***O Kantismo. - Kant*** (1724-1804), nascido precisamente há duzentos anos, e, há mais de século e meio, guia supremo e indiscutível das inteligências que se extraviam longe da órbita da tradição católico-escolástica, não teve mais que apoderar-se com seu gênio dos dois postulados do Cartesianismo, para determinar no mundo do pensamento essa formidável catástrofe em que sossobrou a Razão.

Com efeito, aceitando o primeiro postulado, atribui a essas idéias, que não dependem das coisas, as propriedades das idéias criadoras, e rejeitando o sonho de Descartes e dos inatistas, que as faziam imediatamente dependentes de Deus, sustenta que elas teem toda a sua regulação em si mesmas, numa perfeita *autonomia,* que elas próprias, como as idéias divinas,

---

[14] Dr. M. Gonçalves Cerejeira, *A Igreja e o Pensamento contemporâneo.* Coimbra, 1924, págs. 310.

[15] J. Maritain, *La crise de l'esprit moderne et le mouvement Thomiste,* apud *Acta Hebdontadae Thomisticae* (Romae, 1924), pág. 58. Seguimos muito de perto, em toda a nossa exposição, este autor.

são a medida das coisas[16].

Apossando-se do segundo, que fazia do conhecimento a simples recepção dum sinete, a mera aplicação duma forma sobre a matéria, Kant, num verdadeiro lampejo de gênio revolucionário, volta-o, inverte-o e sobre essa plataforma assesta contra a Razão esta formidável batalha.

«O espírito é activo - assim resume as idéias de Kant o filósofo J. Maritain; logo não é o papel material e receptivo, senão o papel informador que lhe convém; o objecto é que é matéria, o pensamento é forma, exactamente como no caso do intelecto prático e da fabricação artística. Por conseguinte, *conhecer* é *fabricar;* nós não conhecemos senão o que fabricamos, Eis o axioma secreto que domina toda a filosofia especulativa de Kant.

E, se conhecer é fabricar, as coisas em si mesmas não são cognoscíveis, pois que nós não as fazemos; o objecto único de nosso conhecimento é o objecto que nós fazemos, graças às nossas formas à priori, - um mundo de fenômenos, cuja lei, unidade, estrutura constitutiva e regulação vêem todas do nosso espírito. O nosso espírito é uma sábia máquina, a cuja entrada a coisa em si lança uma farinha de sensações, que, passando por uma série completa de moldes ou fôrmas interiores, se transforma em um vasto universo fenomenal que é obra nossa. Eis-nos, enfim, bem autônomos, bem instalados em a nossa imanência, não recebendo de fora determinação alguma, fazendo a verdade como deuses!

Sim, mas a verdade, se é que esta palavra tem ainda sentido, não é mais que a transformação ou o produto *(l'usinage)* regular dos nossos fantasmas e, para falar com propriedade, a construção em nós do que não é. E, visto que, segundo o espírito essencial do idealismo crítico, *conhecer* é *fazer,* mister se torna dizer que, segundo o espírito essencial do idealismo crítico, o objecto do conhecimento foge sempre diante dele, sem poder ser jamais dado, fazendo-se sempre, nunca feito, porque, se uma vez fosse feito, nós não o faríamos, e por conseguinte, por definição, não o conheceríamos».

Eis aonde a Revolução intelectual, iniciada por Descartes e consumada por Kant, precipitou a Razão. Essa actividade «divina», como dizia Aristóteles, essa glória e perfeição suprema da natureza criada, essa rainha do imenso império da verdade, vê se obrigada a assinar a sua abdicação; mais ainda, a perpetrar o seu próprio suicídio! Pois quê?! Esse prodígio de luz e de vida, a Razão, pela qual nos podemos tornar imaterialmente todas as coisas, não se vê forçada por Kant a conceder que não pode conhecer coisa nenhuma, tal qual é em si mesma; não se vê enjaulada no mundo dos sentidos, e constrangida a afirmar que essa mesma jaula não é mais que fenômeno, pura representação; que das coisas em si mesmas, do ser, do seu próprio objecto, enfim, não pode conhecer nada?! Pobre inteligência, que te deixaste despojar do próprio objecto! És rainha sem trono, expulsa do teu império! Eis-te disposta para as mais humilhantes abdicações.

4. ***O Positivismo***. - Venha agora Augusto *Comte,* com a superstição do facto, com a *fascinação do positivo, - e* a inteligência, feita para voar, como águia gigante no céu imenso das realidades universais, tombará mortalmente ferida, e, confinada ao horizonte limitadíssimo do facto singular e concreto, concederá sem relutância a sua incapacidade para ultrapassar as barreiras do *sensível.*

5. ***O Sentimentalismo***.-Venha Rousseau, Kant - o Kant da razão prática, Fichte, Schopenhauer, e apregoem o primado do *sentimento* ou da *vontade* sobre a inteligência; e a inteligência, se por acaso opusera ainda alguma resistência à tirania do facto bruto, vê-la-emos abdicar diante das *potências apetitivas.*

6. ***O Pragmatismo e o Intuicionismo***. - Vê-la-emos abdicar, abdicar sempre, diante do *Pragmatismo* de W. James, que a rebaixa a um nível infra-humano, fazendo-lhe buscar o critério de toda a verdade na sua *utilidade* ou nas suas *conseqüências práticas;* diante do *Intuicionismo* de Bergson, que ludibria o espírito, servindo-se brilhantemente da Razão para

[16] J. Maritain, *l. c.* pág. 59.

negar o valor da Razão, preconizando em lugar dela a *intuição.*

7. ***O Pessimismo intelectual***. - Vê-la-emos enfim errar à mercê de todos os sistemas anti-intelectualistas, até se ir precipitar no báratro do *pessimismo intelectual,* enquanto Nietzsche, esse grande demente com lampejos intermitentes de gênio, lhe diz sarcàsticamente: - Crer na verdade é a última servidão. É preciso tentar, uma vez por todas, revocar em dúvida o valor da verdade. Nela só crêem os *Filisteus da cultura, os raquíticos do espírito!* Era necessário esboçar uma como planta dos extravios principais da Razão através da *selva escura* dos sistemas pseudo-filosóficos, desde que ela, cerrando os olhos a toda a luz do passado, pretendeu aventurar-se à conquista da verdade por caminhos jamais trilhados. Assim compreenderemos melhor

B - A crise das inteligências contemporâneas

Antes de tentarmos aplicar o remédio a essa grande crise do espírito em nossos dias, procuremos agora abranger num olhar de conjunto os descaminhos por onde as inteligências actualmente se extraviam.

1. ***Idealismo***. - Como vimos, o mentor supremo e incontestável da filosofia contemporânea é o dogma idealista. Esse dogma, informa o filósofo neo-tomista J. Maritain[17], «tornou-se um postulado sagrado, e a maior parte das pessoas que blasonam de pensar, assentadas nas cátedras do mundo moderno, olhariam como falta de educação e sinal de obtusidade, não ter por adquirido, *in principio,* que o conhecimento deforma as coisas - supondo, na melhor das hipóteses, que há coisas- e que não poderia atingir em realidade senão as suas próprias criações».

Rei supremo e indiscutível das inteligências modernas é, pois, o *Idealismo.*

Mas não julguemos que essa despótica soberania do dogma idealista basta para dar às inteligências outra unidade que não seja a do erro.

2. ***Agnosticismo***. -Fundado nesse dogma, levantou bandeira um sistema de covardia intelectual - o *Agnosticismo* - e, naturalmente, arrastou para o seu bando todas as inteligências míopes ou pusilânimes, que teem medo às alturas, ou não ousam fitar luz mais intensa. O guia, que cegou e cortou as asas a essas inteligências feitas para voar como águias em direcção ao sol de toda a verdade, a tal ponto as faz rastejar que elas se ufanam de haver atingido as culminações do pensamento, quando respondem às questões mais transcendentes com um sorriso de altivo desdém : - *Ignoramos e ignoraremos!*

Proponde ao *Agnosticismo* os problemas que mais vos angustiam. Existem realidades imateriais? Existe a verdade, a certeza, a metafísica, a teologia? Existe uma causa primeira ? A vida humana tem um sentido, uma lei, um destino transcendente? Preguntai, insisti, urgi... Não obtereis do *Agnosticismo* outra resposta mais que um encolher de ombros despreocupado e um frio «não sei, não posso saber, não se me dá de saber». E há inteligências - são legião em nossos dias! - que descansam em paz - não será a paz do túmulo? - que fingem viver sossegadas, a repetir covardemente: *Ignoramus et ignorabimus.* Não sabemos nem se nos dá de saber se há alguma coisa para além da esfera dos sentidos. Pobres águias, nascidas para voar pela imensidade da luz, e satisfeitas, orgulhosas até de se verem presas num fojo tenebroso!

3. ***Naturalismo***. - Mas nem todas as inteligências são assim pusilânimes; há-as altivamente ousadas que marcham, de viseira levantada, numa atitude de franca rebeldia contra os direitos da Verdade primeira. Bandeadas com o *Naturalismo,* avançam armadas de

[17] *L. c,* pág. 64.

negações cortantes contra tudo quanto se afirme transcender a ordem *natural,* Toda a verdade possível é, para o *Idealismo,* produto da inteligência; logo, conclui o *Naturalismo,* toda a verdade possível é de *ordem natural;* e, por conseguinte, a Revelação é uma quimera; a Fé e todo o *sobrenatural* é uma ilusão; uma Verdade primeira, subsistente fora do homem, e que lhe venha comunicar de fora uma verdade ou uma vida, que não esteja nele já, é o supremo absurdo. E assim, acastelada na própria autonomia e imanência, a Razão, enfeudada ao *Naturalismo,* tem que rejeitar fatalmente, como um atentado contra si mesma, qualquer acção, qualquer auxílio qualquer regra, qualquer magistério que porventura lhe viesse de *outrem.*

4. ***Pseudo-misticismo***. - Mas essa atitude de negação audaciosa, de guerra aberta contra os direitos da Verdade primeira e do *sobrenatural* não pode contentar a maior parte das inteligências, que os problemas transcendentes não cessam de agitar numa obsessão permanente.

E então, estava-nos reservado para nossos dias este espectáculo humilhante. Essas pobres inteligências, desenganadas por fim de que nem o *Idealismo,* nem o *Agnosticismo* nem o *Naturalismo* as poderiam guiar à terra prometida da verdade, entregam se, desesperadas, às mais vergonhosas superstições dum charlatanismo exotérico que poderemos denominar *Pseuado-misticismo.* É a suprema decadência. Os espíritos emancipados proclamam-se *incrédulos,* mas nós vemo-los transformados em *crendeiros.* Porque é um facto que já em 1911 Barrès apontava eloqüentemente na Câmara francesa: «O terreno perdido pelo Cristianismo, não é a cultura racionalista que o ganha, mas o paganismo nas suas formas mais baixas: a magia, a feitiçaria, as aberrações teosóficas, o charlatanismo dos espíritos»[18]. Antes da guerra, só Paris contava 35.000 profissionais das mais abjectas superstições. Hoje aterrar-nos-ia uma estatística exacta das vítimas dessa epidemia intelectual entre nós!

Do que fica exposto resulta esta conclusão muito triste: - A humanidade contemporânea debate-se em crises tremendas; mas a maior, a raiz de todas elas é a pavorosa crise das inteligências.

C - Santo Tomás de Aquino, o Anjo das inteligências ansiosas de paz na Verdade

Ora, é sobretudo a essas inteligências tão famintas de verdade, e tão afastadas da Verdade, que o Vigário de Jesus Cristo dirige na Encíclica «*Studiorum ducem*» o brado compassivo: *Ite ad Thomam!* Êle é o Anjo que a Providência envia para salvação da inteligência.

Salvar a inteligência é a missão própria do Doutor Angélico.

1. **Salvou a inteligência na Idade Média**.- «Santo Tomás, disse-o Leão XIII, chegou a repulsar por si só todos os erros dos tempos que o precederam».

Não falemos já das aberrações da filosofia grega nem das inovações da heresia que todas se encontram definitiva e triunfantemente refutadas nas obras de Santo Tomás.

Mas não passemos de leve pela crise tremenda de que o Doutor Angélico salvou as inteligências do seu tempo. Ela é tão semelhante à crise em que se debate o espírito moderno, que estudar o remédio aplicado por Santo Tomás aos males intelectuais da sua época é descobrir o que mais eficazmente poderá debelar os dos nossos contemporâneos.

Felizmente, para honra do bom senso, já se vão os tempos em que a *ignorância* podia conquistar foros de *sábia,* requentando sèdiças declamações sobre o obscurantismo da Idade Média. Calúnia revoltante! A Idade Média, mormente a época de Santo Tomás, foi agitada por uma febre intensíssima de progresso; os espíritos, sobretudo na investigação inquieta e

[18] Dr. Gonçalves Cerejeira, *A Igreja e o Pensamento Contemporâneo,* (Coimbra 1924), págs. 314-315.

apaixonada da verdade, foram torturados por todas as aspirações, por todas as angústias, por todas as revoluções, que actualmente costumamos chamar *modernistas,* e que afinal, afora certas novidades de forma, são tão antigas como o homem.

Duas correntes *modernistas* arrastavam naquela época as almas para longe da Igreja.

a) ***Modernismo*** que poderíamos qualificar de *místico* ou *Pseudo-misticismo.* «Na Provença, Cátaros e Albigenses; ao longo do Ródano, Valdenses e Pobres de Lião; às margens do Reno, Irmãos e Irmãs do Livre Espírito; nos vales da Úmbria, dos Alpes aos Apeninos, Joaquimitas e «Espirituais» buscavam ansiosamente, mas fora da Igreja visível, o Deus vivo, o Espírito consolador que já não esperavam encontrar em Roma... E depois, todas essas almas viviam na expectação febril do ano de 1260 que, segundo Joaquim de Flores, havia de ver aparecer o Evangelho eterno, unicamente aberto às inteligências místicas, uma Igreja nova, toda espiritual, e o reinado do Espírito Santo, de que o Apóstolo diz: *Ubi Spiritus, ibi libertas»*[19].

Todas estas manifestações de fanatismo reformador e anárquico, afinal, são efeitos da mesma doença que aflige os espíritos de tantos contemporâneos nossos: desconfiança, cansaço do magistério da Igreja, ânsia duma «religião individual» com que o homem não pretende encontrar a Deus, senão divinizar-se a si mesmo.

b) Mais perigoso ainda que o *Modernismo místico,* era o que poderemos caracterizar de *Modernismo positivista,* pois que ameaçava levantar contra a Igreja, numa conjuração universal, a flor das inteligências fascinadas pelo Aristotelismo, deturpado por Averroes.

Eis como a autorizadíssima revista parisiense *Études*[20] descrevia, ainda há pouco, essa crise tremenda:

«Nos palácios mouriscos de Palermo e de Lucera, no meio de janízaros, imans, alquimistas e trovadores, o Imperador do Ocidente, Frederico II, ensinava aos homens a opôr-se de frente à Igreja e ao sobrenatural. Aos filósofos de Bagdad, de Granada ou de Córdova, e não já aos Teólogos de Roma, pede luzes sobre a alma e o mundo. Dentro em breve, desta «metafísica da incredulidade», os fiéis do império, barões alemães ou gibelinos de Itália - eram cem mil - concluem com Farinata, que o paraíso não se deve buscar senão neste mundo. Nas ruas de Florença, caminha, sonhador, Guido Cavalcanti, buscando razões para provar que Deus não existe.

Ao mesmo tempo, Paris, esse centro intelectual da Cristandade, ciosamente vigiado pelos Papas, volta-se, por seu turno, para o Oriente, para ser iluminado como as cidades felizes dos Gregos e dos Árabes. A-despeito-de todas as interdições, vão passando de mão em mão os preciosos livros de Aristóteles e de Averroes, em que o mundo é enfim explicado por si mesmo, sem glosas místicas, sem postulados teológicos, unicamente pela Razão.

Alberto Magno, Rogério Bacon, Witelo interrogam a Sabedoria antiga, ensaiam métodos experimentais e, na penumbra das suas celas conventuais, contemplam o despertar da aurora duma Ciência nova. Como verdadeiros sábios, estes criam ainda nas realidades invisíveis; mas na rua do *Fouarre* segredava-se: «A Teologia não ensina coisa nenhuma; os filósofos, príncipes deste mundo, são os únicos que dizem a verdade». Abriam-se, pois, os filósofos, e os escolares, ávidos de luzes novas, descobriam que o homem, inserido no encadeamento dum determinismo absoluto, não tem mais que a ilusão da liberdade e não traz em si a alma imortal que lhe atribuem os Teólogos.

Conclusão: Os pacíficos habitantes de Garlande e da Montagne Sainte-Geneviève foram muitas vezes despertados pela bacanal nocturna dos letrados incrédulos que prosseguiam os seus jogos até sobre o altar de Notre Dame».

Eis o formidável perigo de que, no século XIII, Santo Tomás de Aquino salvou a

---

[19] *Études,* 179, 5 Mai 1924, pág. 260.
[20] *L c,* pág. 260-261.

inteligência.

Como? Indo ao encontro dessas almas, aceitando, absorvendo e assimilando tudo quanto havia de legítimo nas suas aspirações, corrigindo ou aniquilando as pretensões do erro, numa palavra, compreendendo e amando o seu tempo, adaptando-se e adiantando-se ao seu século.

As almas fascinadas pelo *Modernismo místico,* que, ansiosas de perfeição, se extraviavam, buscando-a fora da Igreja visível de Jesus Cristo, Santo Tomás, Anjo providencial, mostra-lhes o verdadeiro caminho, realizando em si, com o seu exemplo de perfeitíssimo Frade Mendicante, o ideal da mais elevada perfeição evangélica, defendendo a vida religiosa contra os ataques de encarniçados inimigos, pregando aos povos ignorantes, que o escutavam absortos, a facilidade de se santificarem amando de todo o coração a Deus no grêmio da Igreja Católica.

Mas para as almas deslumbradas pelo *Modernismo positivista* ou racionalista, para as almas tentadas a extinguir a luz da Fé, diante dos clarões do Aristotelismo averroísta, é que Santo Tomás foi verdadeiramente o Anjo providencial.

À maneira de muitos dos seus contemporâneos e até dalguns irmãos de hábito, poderia contentar-se com maldizer a Ciência e os Filósofos, proclamando que não há mais que um Mestre: Jesus Cristo. Essa atitude seria muito cômoda, mas não salvaria as inteligências sinceramente inquietas.

E por isso Santo Tomás não receia tomar uma posição audaciosa, original, inteiramente nova. Essa Filosofia peripatética que, deturpada por Averroes, se levanta como inimiga formidável da Teologia, Santo Tomás concebe o genialíssimo plano, não já de a suplantar, senão de a converter em poderosíssima aliada da Verdade Católica. E com heróica paciência informa-se de tudo; com imensa lealdade e simpatia procura nas obras dos seus antepassados, Platão ou Aristóteles, Proclo ou Averroes, a alma de verdade que até no erro se encobre; abraça com entusiasmo o método peripatético.

Dentro em breve, o modernismo racionalista de Averroes e de Sigero de Brabante tinha deixado de extraviar as inteligências fascinadas com seus prestígios, simplesmente porque o Doutor Angélico se lhes adiantara muitos séculos.

2. **Continuou a salvar a inteligência pelos séculos afora.** - Depois de assim ter salvado as inteligências do seu tempo, continuou a guiá-las durante séculos com a autoridade indiscutível de *Doctor communis* da Igreja Universal. E os Papas, que Deus pôs à frente da sua Igreja como Anjos visíveis, não se cansaram de chamar as inteligências para a escola do Doutor, a quem S. Pio V com admirável oportunidade decretou o título de *Angélico.*

João XXII dir-se-ia que com as virtudes lhe quis canonizar a doutrina, quando em Consistório, na presença dos Cardiais, pronunciou aquelas memoráveis palavras: «Êle [Tomás de Aquino] iluminou a Igreja mais que todos os Doutores; nos seus livros aproveita-se mais num só ano do que na escola dos outros durante a vida inteira».

Sobrevinham novas crises intelectuais? Era sempre a Tomás de Aquino que se acudia, para que êle continuasse a sua missão de salvador da inteligência. É que o Anjo das Escolas - afirma-o ainda Leão XIII - deixara nas suas obras um arsenal de armas invencíveis, para refutar não só os erros do passado, mas até mesmo os que o futuro faria nascer.

Que esta é a sua firme convicção mostrou-o solenemente a Igreja Universal, reunida em Trento para opor um dique à inundação dos erros protestantes, quando sobre o altar mandou colocar, como únicos conselheiros, a S. Bíblia, as Actas Pontifícias e a Suma Teológica.

3. **Santo Tomás salvará a inteligência em nossos dias.** - Salvador da inteligência no passado, Santo Tomás será ainda o Salvador, o Apóstolo, o Anjo das inteligências

contemporâneas.

Que admirável não é a Providência de Deus no governo da sua Igreja! Com que maravilhosa sabedoria vai inspirando aos Vigários de Cristo a aplicação dos remédios mais oportunos aos males da humanidade!

Quando nos últimos decênios desse século orgulhoso, que a si mesmo se decretou o título de *século das luzes,* e que pela posteridade, mais iluminada, virá talvez com justiça a ser estigmatizado de fátuo, se não de *estúpido,* quando as inteligências, eivadas de idealismo subjectivista e fascinadas pelas sereias do *Cientificismo* naturalista, corriam perigo extremo de se perderem sem esperança de salvação num mar entenebrecido de infinitos erros, foi então que a Providência acendeu esse deslumbrantíssimo *Lume no céu* da Igreja, o Pontífice Máximo Leão XIII, e o inspirou a oferecer a esse povo infinito de náufragos, como tábua infalível de salvação, a Encíclica *Aeterni Patris,* em que lhes dava, como experimentado piloto, Santo Tomás de Aquino.

E desde então Leão XIII, Pio X, Bento XV, Pio XI, com a insistência ansiosa de quem assiste ao naufrágio da inteligência e não tem meio mais seguro para a salvar, em inumeráveis documentos, não cessam de proclamar a necessidade, a urgência inadiável de voltar à escola do Doutor Angélico.

É sobretudo comovedor o apelo do nosso S. Padre o Papa Pio XI na Encíclica «*Studiorum*

70

ducem». O Pai comum dos fiéis de Jesus Cristo vê a humanidade, faminta de verdade, levantando os braços para a Luz, a implorar o pão do espírito com a mesma ânsia com que outrora os Egípcios, comprimidos diante do palácio de Faraó, pediam o pão do corpo. E, assim como Faraó os consolava dizendo: *Ite ad Joseph,* assim o Papa, compadecido de tantas inteligências ansiosas de Luz, lhes aponta para o Anjo que a Providência enviou à Igreja, para nela enceleirar tesoiros de verdade, e brada-lhes paternalmente: *Ite ad Thomam.*

Donde vem esta persistência dos Papas, há mais de 50 anos, em reconduzir os espíritos à escola de Santo Tomás?

É que da desordem radical, em que se extraviam as inteligências, só o Doutor Angélico as pode tirar.

É que, se as inteligências se resolvessem a seguir o Doutor Angélico, êle com certeza as salvaria mais uma vez da crise em que se debatem.

Salvá-las-ia, antes de tudo, da raiz principal dos males de que sofre a inteligência, isto é, dos prestígios do *idealismo.*

Santo Tomás, é certo, não compôs nenhum tratado especial de *Crítica;* mas na sua obra ficaram disseminados todos os princípios, todas as teses essenciais, todas as verdades dominantes dum tal tratado. À luz desses princípios, veríamos que Descartes, Kant, e os modernos que tão presumidamente se gloriam de haverem criado a Crítica do conhecimento, fazem afinal consistir essa Crítica em não conhecerem o conhecimento.

Ter-se-iam evitado séculos de extravios intelectuais, em seguimento da miragem idealista, se não se tivessem esquecido as luminosíssimas lições que nos deixou Santo Tomás acerca da verdade e da origem das idéias.

Diante desse realismo vivo, sòlidamente crítico, eterno, enfim, como a verdade, os postulados idealistas desfazem-se como fumo. Com efeito, se «a verdade é uma adequação do entendimento à coisa (*veritas est adaequatio intellectus ad rem*\ como a define Santo Tomás, segue se que «é uma só a verdade que diversos entendem, por isso que os seus conceitos são adequados à mesma coisa»[21]. Segue-se que a sorte da verdade científica não fica sujeita às flutuações dos pensamentos humanos, senão à íntima natureza das coisas compreendidas e sinceramente expressas. A verdade, ensina-o explicitamente o Doutor Angélico, a verdade,

[21] *Q.Q. d. d. De Anima,* a. 3. ad 1.

que na alma é causada pelas coisas, não segue a estimação (ou avaliação) da alma, senão a existência das coisas: porquanto, de ser ou não ser a coisa, é que a oração se diz verdadeira ou falsa e semelhantemente o entendimento»[22].

Vimos acima como o axioma secreto, que domina toda a filosofia subjectivista de Kant, é este: *Conhecer é fabricar.* Donde a conclusão: Todo o conhecimento, toda a verdade é uma criação do nosso entendimento. Como este paralogismo, tão fecundo em revoluções intelectuais, se teria evitado, se se houvesse atendido a esta luminosíssima distinção do Doutor Angélico!

«As coisas comparam-se dum modo ao intelecto prático, e de modo diverso ao intelecto especulativo. Porquanto, o intelecto prático causa as coisas, e por conseguinte é a medida das coisas que por ele são feitas; mas o intelecto especulativo, porque recebe das coisas, é em certo modo movido pelas mesmas coisas, e assim as coisas é que o mensuram [ou são a sua medida]. Donde se patenteia que as coisas naturais, das quais o nosso intelecto recebe a ciência, mensuram o nosso intelecto, mas são mensuradas [ou medidas] pelo intelecto divino, no qual estão todas as coisas criadas, como todos os artefactos no intelecto do artífice. Assim pois, o intelecto divino mensura, não é mensurado *(est mensurans, non mensuratas);* a coisa natural mensura e é mensurada *(mensurans et mensurata);* mas o nosso intelecto é mensurado, não mensura as coisas naturais, mas somente as artificiais *(sed intellectus noster est mensuratas, non mensurans quidem res naturales, sed artificiales tantum*»[23].

Libertada a inteligência dos prestígios do *idealismo,* com que facilidade seria curada, na escola de Santo Tomás, dos grandes erros modernos, que se nutrem dos sucos envenenados daquela raiz fatal!

«A Doutrina Tomista, pondo as nossas idéias em continuidade com as coisas pela intuição dos sentidos, e resolvendo todo o nosso saber na evidência do ser e dos primeiros princípios, cujo valor transcendental lhe permite subir até Deus, é uma sabedoria assaz alta para salvar a razão do *Agnosticismo*...»

«Consciente da infinita elevação e da infinita liberdade do Criador, como da essência radicalmente contingente do ser criado, assegurando, mercê de uma sã noção do universal, o valor da *natureza* e das suas leis e mostrando que esta natureza fica ao olhar de Deus imensamente dúctil e imensamente perfectível, toda penetrável do influxo divino, a Doutrina Tomista reduz ao absurdo *o postulado naturalista* e a hipócrita metafísica que, escondida atrás das ciências positivas, tenta conferir à criatura a asseidade divina»[24].

«Guiada por Santo Tomás, [a inteligência] escapará, a um tempo, à *fascinação do positivo,* que foi a grande doença do último século, e às miragens duma *pseudo-mística naturalista* e duma *pseudo-metafísica panteísta* que hoje em dia apelam para o Oriente, e bem poderiam vir a ser o grande perigo do século presente»[25].

*

* *

Um homem inteligente e honesto que entra numa Catedral da Idade Média, se não está intimamente deformado por preconceitos materialistas, é impossível que não sinta a alma elevar-se instintivamente, seguindo as linhas da ogiva, para Deus.

Assim a inteligência, por mais extraviada que tenha andado, se se resolver a visitar

---

[22] *Q. Q. d. d. De Veritate, q.* 1., a. *2, ad 3.*
[23] *De Verit, q. I, a 2.*
[24] J. Maritain, *l. c,* pág. 69-70.
[25] *Id. ibid.,* pág. 71.

com atenção e amor essa sublime Catedral do espírito, que Santo Tomás elevou na *Suma Teológica,* é inconcebível que não se desprenda dos preconceitos do Agnosticismo, Naturalismo e Pseudo-misticismo, para pairar nas regiões infinitas da Verdade[26].

Oh! Santo Tomás será o grande restaurador da inteligência. «Os demais filósofos, observa Maritain, amam sem dúvida a inteligência, até mesmo quando a arruínam com seus sistemas; mas amam-na mais que a Deus. Santo Tomás ama a Deus mais que a inteligência, mas ama a inteligência mais do que todos os filósofos. E é por isso que a pode restaurar, recordando-lhe os seus deveres. Liberta-a da sua covardia e dá-lhe coragem de encarar as verdades supremas. Salva-a da vanglória, dobra-a a medir-se sobre as coisas e a escutar uma tradição. Reensina-lhe ao mesmo tempo as duas virtudes complementares que ela perdera juntamente: a magnanimidade e a humildade»[27].

*

* *

Conclusão. - Nesta agonia da civilização, as crises são infinitas. Mas a raiz de todas elas, não há duvidar, é uma crise de inteligência. Tudo, afinal, depende das idéias. E é por isso que, para nos salvarmos de tantas angústias, é *necessidade de meio* salvar a inteligência. Muito mais que do pão do corpo, necessitamos do pão do espírito; incomparavelmente mais necessário do que valorizar a moeda, é urgente refazer os valores intelectuais.

Mas como? Escutando com docilidade o soleníssimo brado: *Ite ad Thomam,* com que o mestre infalível da verdade revelada, o Anjo visível da humanidade errante, o Vigário de Jesus Cristo, nos confia à direcção invisível, mas seguríssima, do Anjo das inteligências.

O Doutor Angélico é verdadeiramente o Apóstolo da inteligência, o Restaurador da ordem intelectual. Colocado no cruzamento dos dois caminhos, por onde as inteligências modernas, fora da Igreja, se extraviam, o Anjo das escolas tem na mão a chave dos problemas que torturam os nossos contemporâneos; ensina-os a triunfar, a um tempo, do *anti-intelectualismo* e do *racionalismo,* do mal que deprime a razão abaixo do real, e do erro que soberbamente a exalta acima da sua esfera; mostra-lhes enfim o caminho que os pode conduzir à Verdade e à Fé.

E não é só para as inteligências transviadas que Santo Tomás é o Apóstolo providencial. Para as mesmas inteligências que vivem na luz, dentro da Igreja, - mas quantas vezes em perigo de se deixarem fascinar pelos fogos fátuos dum Modernismo condenável! - é o Doutor Angélico verdadeiro Anjo da guarda que as defende de abismos de erro em que tantas se teem lamentavelmente precipitado[28].

Oh! venha o Anjo de Aquino ao encontro da humanidade que tragicamente vagueia transviada na «selva escura» do *pessimismo intelectual;* ilumine-a com o sol esplêndido da sua doutrina; e então, mas só então, essas pobres inteligências terão encontrado a paz na Verdade!

---

[26] Neste ponto, o orador esboçou, em rápido improviso, uma síntese da *Suma Teológica.*

[27] *Id. ibid.,* pág. 71.

[28] Aqui advogou o orador a necessidade de se criar um Curso superior de Estudos Filosóficos, em que revivam as doutrinas do Doutor Angélico.

III

Santo Tomás de Aquino, o Anjo das sociedades ansiosas de paz na Justiça e Caridade

Ecce ego mittam angelum meum, qui praecedat te, et custodiat in via, et introducat in locum quem paravi.
(EXOD. 23, 20).

O Anjo da Paz social. - Se as inteligências ansiosas de paz na Verdade, se os corações sedentos de paz no Amor, dóceis à voz do Pontífice da «paz de Cristo no reino de Cristo», se resolvessem a seguir fielmente o Anjo que a Providência lhes envia para os preceder, guardar no caminho e introduzir na terra da promissão da Verdade e do Amor, dentro em breve sobre a sociedade, transformada num caos por utopias dissolventes, tornaria a ecoar o hino com que a milícia celeste celebrou o nascimento do Rei Pacífico: - «Glória a Deus nas alturas e na terra paz aos homens de boa vontade».

Sim, meus Senhores. A crise tremenda, em que se debate a vida social em todas as suas manifestações, radica-se na falta de paz individual. Estabelecei, pois, nas inteligências a tranqüilidade da ordem na Verdade, nos corações a tranqüilidade da ordem no Amor, e tereis reconduzido a sociedade ao caminho da paz: «*In viam pacis*».

« Donde vêem - pregunta o Apóstolo Sant'Iago - donde vêem as guerras e contendas entre vós? Não brotam acaso desta raiz - das vossas concupiscências que combatem em vossos membros? Cobiçais, e não tendes o que quereis; matais e invejais, e não podeis alcançar o que desejais; litigais e fazeis guerra, e não tendes o que pretendeis...» (Jac. 4, 1-2).

Oh! sem dúvida, a crise social resolve-se, em grande parte, numa crise moral. Desterrai dos corações a desordem das concupiscências, ordenai nesses mesmos corações a Justiça e a Caridade, e vereis como no campo da sociedade começa a vicejar a oliveira da paz.

Não se imagine, porém, que todas as lutas sociais são apenas rebentos daninhos da ruindade dos corações. Não são. A crise social é certo que, em grande parte, se resolve numa crise moral; mas tanto esta como aquela, em última análise, são muitas vezes frutos envenenados duma crise intelectual.

Se nesse vasto deserto, em que a humanidade contemporânea vagueia extraviada, nos amedrontam com seus rugidos de cólera multidões sem fim que avançam para um assalto decisivo à sociedade, não sejamos injustos, imprimindo, sem mais exame, em todos esses corações o ferrete da depravação moral. Há, sem dúvida, no meio dessas legiões de exasperados muitos corações corrompidos; mas não sei se a maior parte será constituída por espíritos desvairados por uma falsa ideologia. São muitas vezes almas tão generosas que, para serem apóstolos e mártires autênticos, bastaria que o ideal, por que se sacrificam, em vez do fanatismo do erro, fosse a inspiração da verdade.

E se não, interrogai essas hordas fanatizadas, que vão correndo frenéticas na ânsia de abraçar miragens sem realidade; preguntai-lhes em nome de quem avançam. - Em nome da verdade, responder-vos-ão; em nome do direito, da justiça, da liberdade, da fraternidade, da igualdade!

E - sejamos justos - se muitos, hipocritamente, abusam dessas palavras mágicas, para ocultarem as intenções criminosas de corações depravados até o âmago, muitíssimos são perfeitamente sinceros: avançam convencidos de que vão sacrificar-se por um mundo novo em que reine a verdade, o direito, a justiça, a liberdade, a fraternidade, a igualdade.

Iludem-se, extraviam-se, perdem-se ... Mas não os desprezeis nem odieis. Caudilhos sem consciência nem coração, para os manejarem a seu talante como instrumentos dóceis de ambições inconfessáveis, começaram por lhes perverter o espírito; sugestionaram-nos a ponto de lhes fazerem abraçar o erro como verdade e maldizer a verdade como erro.

Não haja dúvida, Senhores. A raiz mais profunda da crise social é a perversão dos espíritos, o erro dominando largamente, como se fora a verdade social.

Se queremos, pois, cumprir o nosso dever, contribuindo com a nossa quota parte de esforços, para reconduzir a sociedade ao caminho da paz, é mister antes de tudo trabalhar pela restauração dos genuínos princípios sociais; é necessário divulgar a verdade social.

Na escola social de Santo Tomás de Aquino. - E é por isso que um dos fins principais, que na celebração deste Centenário tem em vista o nosso Santo Padre o Papa Pio XI, é precisamente chamar o mundo à escola social de Santo Tomás de Aquino. É que, segundo a eloqüente exposição da Encíclica «*Studiorum ducem*», se tanto na vida privada, como na vida pública e internacional, os homens se resolvessem a pôr em prática a doutrina que o Doutor Angélico tão genialmente expõe na II.ª Parte da Suma Teológica acerca do governo paterno ou doméstico, do legítimo poder civil e político, do direito da natureza e das gentes, da paz e da guerra, da justiça e do domínio, das leis e da obediência, do dever de atender tanto à necessidade dos particulares como à prosperidade pública, e isto tanto na ordem natural como sobrenatural, certamente que nada mais seria necessário para se ver reinar «a paz de Cristo no reino de Cristo», que todo o orbe com tantas ânsias anela.

É evidente que a doutrina social de Santo Tomás bastaria para dar a tranqüilidade da ordem e, por conseguinte, a paz ao universo; mas não é menos evidente que uma hora não chegaria sequer para tecer o mero catálogo das questões sociais que o Doutor Angélico definitivamente elucidou com seu gênio.

Que fazer? Tendo sempre os olhos no que actualmente considero como a raiz mais profunda da falta de paz na sociedade, limitar-me-ei a comentar um pequenino, mas luminosíssimo texto que se me deparou na Suma Teológica.

Examinando o Doutor Angélico[29] se a paz é efeito próprio da Caridade, e respondendo a uma objecção tirada do sublime texto de Isaias[30] que afirma que «a paz será obra de Justiça, *Et erit opus justitiae pax*», vê a paz suavemente reclinada no regaço da Justiça e da Caridade, e lega-nos esta admirável solução: «Pax est *opus justitiae* indirecte; in quantum scilicet removet prohibens: sed est *opus charitatis* directe; quia secundum propriam rationem charitas pacem causat: est enim amor *vis unitiva,* ut Dionys. dicit 4. cap. de Div. Nom. *(p. 2. lect. 9);* pax autem est unio appetitivarum inclinationum».

«A paz é *obra da justiça,* indirectamente; isto é, em quanto remove os obstáculos da paz; mas é *obra da caridade,* directamente; porque, segundo a sua própria natureza, a caridade causa a paz: porquanto, o amor é *força unitiva* ...; ora a paz é a união das inclinações apetitivas».

Meus Senhores: *A paz é obra da Justiça e da Caridade.* Detenhamo-nos a aplicar este luminosíssimo princípio de Santo Tomás a três grandes conflitos que actualmente roubam à sociedade toda a tranqüilidade da ordem. Veremos que, assim como essas lutas sociais nascem da falta de Justiça e Caridade, assim bastaria inocular nos espíritos e nos corações essas duas virtudes fundamentais, para vermos florescer «a paz de Cristo no reino de Cristo».

E assim concluiremos que o Anjo da paz individual é ainda nos desígnios da Providência o Anjo da paz social; e que, para reconduzir as sociedades anarquizadas ao caminho da paz na Justiça e Caridade, o meio mais eficaz é repetir o brado do nosso Santo Padre: *Ite ad Thomam:* Ide à Escola do Doutor Angélico.

---

[29] *S. Th.* 2 2., q. 29, a. 3 ad 3.
[30] *Is.* 32, 17.

Os grandes conflitos sociais. - «Esforcemo-nos divinamente uns contra os outros» - escrevera cinicamente um grande louco do século passado[31], dando expressão paradoxal à lei da *luta pela vida,* aplicada às sociedades.

«Sejamos inimigos, meus amigos!» - era uma das suas exclamações predilectas.

E a sociedade, para seu mal, adoptou em larga escala esse princípio de destruição, de morte social.

Não se vos afigura a sociedade hodierna como um vasto campo de batalha, em que se entrechocam numa fúria cega todos os interesses, todos os egoísmos, todos os ódios?

É a guerra de todos contra todos: *Bellum omnium contra omnes.* Conflitos de indivíduos contra indivíduos: *homo homini lupus;* contendas de famílias contra famílias; lutas de classes contra classes; guerras de nações contra nações; - eis o doloroso espectáculo que nos oferece a sociedade moderna, tão jactanciosa de haver inaugurado o império da justiça, da fraternidade, da democracia.

Não nos extraviemos, porém, nesse imenso caos, a observar os episódios de cada uma das rixas particulares; fixemos a atenção em três conflitos principais que ameaçam os princípios basilares da vida colectiva e arruínam a tríplice harmonia em que repoisa a tranqüilidade e felicidade de todos. Estudemos mais de perto os três conflitos entre o Capital e o Trabalho, entre a Liberdade e a Autoridade, entre o Poder Temporal e o Espiritual.

A - O conflito entre o Capital e o Trabalho

O conflito entre o Capital e o Trabalho é o pesadelo do mundo moderno. Todos ouvimos rugir no subsolo as cóleras concentradas do vulcão popular, prestes a submergir sob uma torrente de lava anarquista a antiga ordem social.

Há muitos anos que aí vemos frente a frente os dois exércitos inimigos, em luta sem tréguas nem quartel: luta sem nobreza, guerra de ciladas e injustiças, de ódios e vinganças, de retaliações e violências.

O Trabalho em pé de guerra.- Eis as legiões tumultuantes do *Trabalho.* Mas que sinistros motes a flamejar nas bandeiras! «A propriedade é um roubo» - é a divisa daquele estandarte rubro como o sangue. «O burguês, eis o inimigo» - lede naquele pendão negro como a morte.

Desnorteados por estes princípios, os amoucos fanáticos do Trabalho, sem escrúpulos de espécie alguma, avançam contra o odiado burguês que, só por ser capitalista, tem que ser fatalmente gozador, soberbo, explorador, parasita, monstro de egoísmo, excrescência daninha que é preciso extirpar do organismo social.

Uma vez convencido o Trabalho destes monstruosos sofismas: - que a natureza o armara para combater o Capital num duelo de morte; que operários e patrões, pobres e ricos são naturalmente inimigos irreconciliáveis, - a sua posição na luta está definida. Tudo quanto puder maquinar, para abater os grandes, é legítimo; quanto mais concessões lhes arrancar, tanto mais benemérito será da humanidade. Por conseguinte, é reclamar, reclamar sempre aumento de salário e diminuição de trabalho, dar cada vez menos e exigir cada vez mais.

Há quem se atreva a resistir às suas imposições iníquas? - Cruzem-se os braços, suspendam-se os serviços públicos, definhe-se o comércio, paralise-se a indústria, haja milhares, talvez milhões de inocentes, a padecer prejuízos, se não tormentos incomportáveis, com a *greve* injusta.

Há quem ouse continuar a resistência? - Venha o punhal, venha o revólver, organizem-se bandos de sicários que monteiem como feras esses burgueses pertinazes.

[31] Nietzsche.

Depois de excessiva longanimidade, raiando muitas vezes pela covardia, resolve-se a autoridade a cumprir o seu dever, mandando à força pública que salvaguarde a tranqüilidade da ordem? - Oh ! então estale a bomba anarquista e triunfem as reivindicações populares ao clarão sinistro dos incêndios revolucionários.

Que é tudo isto, meus Senhores? Donde vem todo este desvairamento que traz a sociedade em contínuo sobressalto? - É que o *Trabalho* esqueceu a grande doutrina de Santo Tomás de Aquino, que a paz é obra da Justiça e da Caridade, e inscreveu na sua bandeira uma divisa de ódio e injustiça.

Nas trincheiras do Capital. - Será menos sinistro o espectáculo que nos oferece o campo onde se entrincheira o *Capital!*

Desorientado pela opinião materialista: - que o homem não está na terra senão para gozar, e apoderando-se, por sua vez, do princípio selvagem da *luta pela vida* e dos corolários brutais de Nietzsche que atribuem ao mais forte, ao senhor, ao *superhomem* a parte do leão, o Capital resolveu-se a gozar da vida por todos os modos, ainda que seja preciso sugar o sangue dos mais fracos, dos escravos, dos párias.

A seus olhos, o operário dir-se-ia que já não tem direitos de homem. Mero instrumento de lucro, máquina de trabalho, aprecia-se unicamente em razão da sua potência de produção. Que se arruíne o corpo do operário sob o peso dum trabalho desumano, que se lhe materialize a alma por falta de tempo e liberdade, para cumprir os seus deveres para com Deus e para com a família e mitigar o cansaço físico com as alegrias do espírito e as consolações do coração, - tudo isso que importa ao capitalista que fêz da riqueza o único fim da sua vida, que tem por único deus o bezerro de oiro? Dominado por uma cobiça desenfreada, imola, sem escrúpulos, ao seu ídolo o pobre proletário, sem respeito pela saúde, pela honra, pela vocação materna de suas mulheres, sem compaixão da fraqueza de seus filhos raquíticos. E depois, o desdém, o desprezo sarcástico com que lhe atira um salário irrisório em troca dos suores!

E quantas vezes não se aproveita da miséria, da falta de trabalho, da doença dos pobres e dos pequenos, para se precipitar sobre eles como abutre e os sufocar nas garras da usura! Quantas vezes se não tem visto o Capital, formando poderosas coligações de injustiça, para impedir a legítima associação dos humildes e - o que é mais atroz e revoltante! - para amontoar riquezas colossais, explorando desalmadamente a fome pública! E sobre tudo isto, o mais irritante é ver muitas vezes esses corsários da finança, esses piratas da economia doméstica, ainda ontem alapados pelas sombras dos seus *Ghettos,* e hoje, reis do oiro, árbitros da paz e da guerra, passando em triunfo e salpicando da lama dos seus automóveis as vítimas reduzidas à miséria que gemem sob os escombros de fragorosas falências por eles provocadas!

Que é tudo isto, meus Senhores? - É o Capital que perdeu completamente a noção da Justiça e Caridade e que, protestando clamorosamente contra o Trabalho que lhe invade a propriedade, vive num atentado permanente contra a propriedade do operário, legítimo possuidor do seu trabalho, das suas idéias, da sua liberdade, - propriedade tanto mais sagrada quanto mais intimamente está ligada com a própria pessoa.

E querem que os deixem gozar tranqüilamente da sua riqueza, do seu luxo parasita? Querem que os deixem em paz? Mas «a paz é obra da Justiça e da Caridade»!

*

* *

A Justiça e a Caridade nos arraiais do Trabalho. - Oh! sim, meus Senhores. «A paz é obra da Justiça e da Caridade».

Quereis vê-lo com vossos olhos? Desçam essas duas filhas do céu, a Justiça e a

Caridade, aos arraiais onde tumultam as cóleras dos filhos do Trabalho. A esses espíritos extraviados, a esses corações irritados deixai que a Justiça gravemente lhes clame: «Se quereis a paz, respeitai o direito alheio, -e que a Caridade suavemente repita: «Se quereis a paz, amai-vos como irmãos que sois»; - e vereis a maravilhosa transformação que se opera!

O operário, em cujo coração a Justiça houver depositado «a vontade constante e perpétua de dar a cada um o que é seu» (2. 2., q. 58, a. 1. ad. 1) e a Caridade tiver criado a «força unitiva» que nos faz amar ao próximo como a nós mesmos, apresentar-nos-á este admirável tipo social que Leão XIII pinta na Encíclica «*Rerum Novarum*».

Cumpridor escrupuloso de todos os seus deveres de Justiça, respeitará antes de tudo a propriedade alheia; fornecerá inteira e conscienciosamente todo o trabalho a que se obrigou por contrato livre e conforme à eqüidade; nem por sombra lesará o patrão, nem nos seus bens, nem na sua pessoa; as suas reclamações e reivindicações irão sempre patrocinadas pela justiça e nunca pela violência, pelo crime, pela sedição.

Dócil às inspirações da Caridade, o operário cristão ver-se-á até dar este admirável exemplo de usar da sua fortuna, que é o seu braço, a sua força, a sua mocidade, a sua arte, o longo dia que Deus lhe dá, para valer aos seus irmãos, para socorrer até os próprios patrões. Nessas crises tremendas que tantas vezes ameaçam sufocar as indústrias mais florescentes, ver-se-ão operários, transformados pela Caridade cristã, prolongando voluntariamente as horas de trabalho, e renunciando ainda a parte do salário.

Esforcemo-nos, Senhores por criar na escola do Doutor Angélico este admirável tipo de operário, todo Justiça e Caridade, e ficará resolvida a questão social, da parte do Trabalho.

A Justiça e a Caridade no campo do Capital. - E da parte do Capital, é ainda unicamente da Justiça e da Caridade que se pode esperar a solução do formidável conflito.

Dai-nos patrões animados do espírito de Justiça e Caridade, e vereis eliminadas, como por encanto, muitas das causas principais que exasperam o mundo do Trabalho.

Sob o império da Justiça e Caridade, compreender-se-á que explorar a pobreza e a miséria, especular sobre a indigência, frustrar o trabalhador do justo salário, atentar enfim de qualquer modo contra a propriedade do pobre, é um crime que brada ao céu.

Sob o império da Justiça e Caridade, não se verá essa barbaridade, verdadeiro atentado contra o corpo do operário, que consiste em impor-lhe trabalhos superiores às forças, sem ter conta de idade nem de sexo.

Sob o império da Justiça e Caridade, não se tratará mais o operário como vil escravo, não se abusará dele como de mero instrumento de lucro, que se estima somente em proporção do vigor dos braços. Pelo contrário, respeitar-se-lhe-á a dignidade de homem, e muito mais a de cristão, ter-se-á infinito escrúpulo de lesar por qualquer modo os interesses da sua alma imortal.

Sob o império da Justiça e Caridade, arrasar-se-ão tantas fábricas que são verdadeiros antros de intoxicação física e moral. Cessarão as fraudes, as redes usurárias, as violências.

Dai-me patrões justos, dai-me sobretudo patrões, sobre justos, caridosos, e vê-los-eis transformados em verdadeiros pais dos seus trabalhadores. Venha o cansaço, a doença, a velhice. O operário não tem que temer. O patrão será a Providência visível dos seus irmãos desprotegidos da fortuna.

Oh! venha a Justiça remover todas as causas de litígio, venha a Caridade unir os corações, e veremos o Trabalho e o Capital dando-se o ósculo da mais fecunda paz: - *Et erit opus justitiae pax. Pax est opus Justitiae indirecte... sed est opus caritatis directe.*

B.- O conflito entre a Liberdade e a Autoridade

O conflito entre a Liberdade e a Autoridade é a segunda das grandes causas da falta de

paz na sociedade.

Fundamento da Paz na sociedade. – Não admira. A paz, segundo a bela definição de S. Agostinho e de Santo Tomás de Aquino, é a tranqüilidade da ordem, «*Pax est tranquillitas ordinis*». Logo, para a sociedade ter paz, é mister que os seus diversos elementos se mantenham tranqüilamente na ordem que Deus lhes assinou.

Ora, a ordem providencial da sociedade humana resume-se nesta fórmula: - Subordinada a uma Autoridade, a Liberdade de muitos deve coordenar os seus esforços para a conquista do bem comum.

A Providência, que deu ao homem a natureza social, dispôs as coisas nesta ordem sapientíssima: - A Liberdade de cada indivíduo, para alcançar a maior soma de prosperidade temporal, há-de colaborar para o bem comum com a dos outros membros sociais, seguindo a trajectória que legitimamente lhe traçar a Autoridade; a Autoridade, por seu lado, cooperará para o mesmo bem comum, dirigindo os esforços individuais, segundo as normas do direito.

De sorte que, entre a Liberdade e a Autoridade há um complexo de deveres de Justiça e Caridade, impostos à sociedade pela própria natureza. Do cumprimento ou transgressão desses deveres resulta necessariamente a tranqüilidade ou intranqüilidade da ordem social.

Meus Senhores. Na sociedade hodierna o conflito entre a Liberdade e a Autoridade há muito que se prolonga numa pavorosa hipercrise. Todos nós padecemos os efeitos dessa tremenda luta.

A sociedade não está em paz, porque nem a Liberdade nem a Autoridade estão na ordem tranqüila, porque nem a Liberdade nem a Autoridade cumprem os seus deveres mais essenciais.

Se queremos, pois, como é nosso dever, trabalhar eficazmente pela paz social, é mister levar esses dois contendores - a Liberdade e a Autoridade - à escola de Santo Tomás de Aquino e convencê-los de que «a paz é obra da Justiça e da Caridade».

Só quando a Liberdade e a Autoridade se resolverem a cumprir integralmente os deveres mútuos de Justiça e Caridade é que a sociedade repoisará, e nós com ela, na tranqüilidade da ordem.

Deveres de Justiça e Caridade da Liberdade para com a Autoridade. - Sim, meus Senhores. Para que haja tranqüilidade da ordem na sociedade, é necessário antes de tudo, que a Liberdade se resolva a dar conscienciosamente tudo o que pertence ao Bem comum e ao Poder público.

a) É mister *dar o que pertence ao Bem comum,* depondo esse comodismo covarde, essa inércia criminosa que tudo deixa correr. É preciso que a Liberdade se convença que em qualquer forma de Governo, mas sobretudo numa Democracia, é enorme falta de justiça para com a sociedade furtar-se à iniciativa, à acção pelo Bem comum.

«Não querer tomar parte, escreve Leão XIII na Encíclica *Immortale Dei,* não querer tomar parte nenhuma nos negócios públicos, seria tão censurável como não se interessar nem contribuir em nada para o Bem comum; e tanto mais que os católicos, em obediência à mesma doutrina que professam, são forçados a cumprir esse dever com a mais conscienciosa integridade. Do contrário, se eles cruzarem os braços, passarão as rédeas do poder, sem oposição, às mãos de homens cujas idéias não oferecem grandes esperanças de bom governo.
Ora isso seria também pernicioso aos interesses cristãos, porque os inimigos da Igreja teriam nas mãos grandíssimo poder, e os seus defensores quási nenhum.
É, pois, manifesto-continuo a citar Leão XIII na Encíclica *Immortale Dei* - que os católicos teem justos motivos de entrar na política; porque não o fazem, nem o devem fazer, para aprovarem o que actualmente existe de condenável nas instituições políticas, mas para tirarem dessas mesmas instituições, quanto ser possa, o bem público genuíno e verdadeiro, tendo o

propósito de infundir, em todas as veias do Estado, como seiva e sangue salubérrimo, a sabedoria e a virtude da religião católica.
Não foi outra a maneira de proceder nas primeiras idades da Igreja. Os costumes, as aspirações dos gentios eram, o mais que podiam ser, opostas às máximas e costumes do Evangelho; e contudo era de ver os cristãos incorrutos em plena superstição e, sempre iguais a si mesmos, introduzirem-se corajosamente aonde se lhes abria uma entrada».

Até aqui o grande Pontífice Leão XIII.

b) Se contribuir *positivamente* para o Bem comum é rigoroso dever de justiça que a Liberdade tem de cumprir para com a sociedade, não é menos urgente a obrigação de *repulsar, pelos meios legítimos, as arremetidas contra os seus direitos,* venham elas donde vierem.

A Liberdade tem obrigação de se defender, de protestar. Querem-lhe abafar a voz entre as garras da violência? Tem obrigação de se unir aos seus semelhantes, para reclamar as providências necessárias à salvaguarda dos legítimos interesses e combater as intrusões da tirania que, sob a máscara da legalidade, pretenda lesar os seus direitos. É por isso que os Sumos Pontífices em todas as épocas, mas sobretudo depois de Leão XIII, não se teem cansado de chamar os católicos à defesa dos seus direitos inauferíveis.

Se a Liberdade se abstém por temor ou adormece por apatia, atraiçoa o Bem comum e suicida-se a si mesma. Falta à Justiça e, colocando-se fora da ordem, compromete a paz social.

c) Estamos advogando a insurreição da Liberdade contra a Autoridade? Oh! longe de nós tal pensamento.

A Liberdade tem um dever fundamental para com a Autoridade legítima,- o *dever de submissão às suas legítimas ordenações,* a que não pode faltar nunca sem gravíssima injustiça.

«Dai a César o que é de César», proclamou o próprio Jesus Cristo. «Toda a alma - é S. Paulo que em tempo dum Nero troveja à consciência católica nestes assombrosos termos - «toda a alma esteja sujeita às autoridades superiores; porque não há poder que não venha de Deus; e os que há, por Deus foram instituídos. Aquele, pois, que resiste ao poder, resiste à ordenação de Deus. E os que resistem, chamam sobre si a condenação ... É necessário que lhe estejais submetidos não somente pelo temor do castigo, mas também porque a consciência o exige»[32]. Não é menos incisiva a fórmula em que o Príncipe dos Apóstolos proclama o dever de obediência aos representantes *legítimos* da *legítima* autoridade, ainda quando eles sejam perversos: *etiam dyscolis*[33]. Justo ou criminoso, cristão ou infiel que seja o representante do poder, uma vez que os títulos da sua autoridade se provem *legítimos* e, como profundamente, ao definir a lei, se exprime Santo Tomás, as ordenações por êle *legitimamente* promulgadas sejam ditadas pela razão para o bem comum[34], a consciência, em nome da Justiça, reclamará, a brados incoercíveis, a mais escrupulosa obediência: «*Necessitate subditi estote, non solum propter iram sed etiam propter conscientiam*»[35].

*
* *

[32] *Rom.* 13 1-5.
[33] 1 *Petr.* 2, 13 ss.
[34] *S. Th.* 1. 2. q. 20. a. 4.
[35] *Rom.* 13,5.

Deveres de Justiça e Caridade da Autoridade para com a Liberdade. - Se a Liberdade cumprir *assim* os seus deveres de Justiça, estará na tranqüilidade da ordem providencial. Da sua parte, teremos exterminados todos os germes do conflito.

Mas, para haver paz completa, é necessário igualmente que a Autoridade esteja na ordem, cumprindo os seus deveres de Justiça e Caridade para com a Liberdade. Não basta que a Liberdade dê a César o que é de César, é necessário que César respeite os direitos da Liberdade.

Porque, se o Estado, acalcanhando a Liberdade covarde e inerte, e postergando o Bem comum, abusa da sua força para distribuir, conforme os seus caprichos, as riquezas, os cargos, as honras; se o Estado, sem noção de Justiça, esbanja o patrimônio público, para exaltar os seus apaniguados, os seus amigos, as suas criaturas; se o Estado pretende ingerir-se nos negócios particulares e nos segredos do lar doméstico; se se arroga o direito de ser o único mestre na escola, o único magistrado nos tribunais, o único patrão na indústria, o único pontífice na Igreja; - é evidente que exorbita da ordem providencial, e, violando tão procazmente a Justiça, em vez de conciliar os respeitos devidos à Autoridade, provoca as execrações excitadas pelas violências da tirania, e talvez as insurreições da Liberdade que, depois de obrigarem a Autoridade às violências que exasperam, a forçam às transigências que rebaixam e levam à abdicação.

E, se então a Autoridade, depois de haver tripudiado sobre a Liberdade, se entrega de mãos atadas às exigências da rua; se a Autoridade, diminuída, vilipendiada, reduzida à impotência e inacção, se põe a reboque dos mais fortes ou dos mais audaciosos, - oh! então, das orgias da injustiça cai-se logo no inferno da anarquia, e é gritar aos membros infelizes dessa sociedade sem ordem: - Salve-se quem puder!

Só quando a Autoridade e a Liberdade, enfastiadas de ódios e lutas, volverem a abraçar-se no cumprimento leal dos seus mútuos deveres de Justiça e Caridade, é que poderá abrir-se uma era de paz para a sociedade: - *Pax est opus justitiae indirecte... sed est opus caritatis directe.*

C. - O conflito entre o Poder Temporal e o Poder Espiritual

Poderá abrir-se, e não *está aberta,* ou *abrir-se-á uma era de paz para a sociedade,* dissemos nós muito de propósito, porque, ainda quando a Liberdade tivesse dado a César tudo o que é de César, e César, por sua vez, tivesse dado à Liberdade o que é da Liberdade, poderia estar muito longe a paz. Bastaria que César não quisesse dar a Deus o que é de Deus, bastaria que estivesse aceso *o conflito entre o Poder Temporal e o Poder Espiritual,* para toda a sociedade estar fora da ordem providencial, e, por conseguinte, não ter paz.

Este assunto é de tão capital importância e de tão flagrante actualidade que não parecerá talvez inoportuno consagrar-lhe um pouco mais de atenção do que aos dois conflitos precedentes, que apenas nos limitámos a esboçar rapidamente.

*
* *

Coexistência e legitimidade do Poder Temporal e do Poder Espiritual. - A Providência de Deus, autor da ordem natural e sobrenatural, para salvaguardar todos os interesses do homem, tanto os do tempo como os da eternidade, instituiu no mundo duas Potências em seu gênero soberanas - a sociedade religiosa e a política - com dois Poderes supremos, essencialmente distintos e independentes na sua esfera de acção.

A coexistência no mundo da Igreja e do Estado, como sociedades juridicamente perfeitas no seu gênero, com poderes autônomos dentro da sua esfera respectiva, é um *facto*

central, permanente, indestrutível que, por assim dizer, sintetiza e unifica a urdidura providencial da história da humanidade, há vinte séculos.

E esse *facto* impõe-se ao respeito de qualquer pensador honesto, porque os *títulos,* que ambos esses Poderes apresentam a dirigir soberanamente a actividade humana nesses dois campos essencialmente distintos, são tão *legítimos* como a disposição sapientíssima de Deus, autor da ordem natural, e a instituição positiva de Deus, autor da ordem sobrenatural.

Foi Deus, autor da natureza social do homem e fonte de todo o poder, que confiou à suprema Autoridade num Estado a missão de dirigir o povo à conquista do bem temporal público. Quanto pertence à ordem civil e política é da jurisdição do Estado soberano; dentro dessa esfera, o Poder Temporal não depende de ninguém *directamente*; é a suprema instância neste mundo.

A felicidade temporal, porém, não é o último termo para que deve convergir a actividade humana. O homem capaz de reflexão compreende que, assim como a vida presente não é mais que um fatigante peregrinar para a pátria de além, assim todas as conquistas dos esforços individuais e sociais não podem ter outra significação razoável, senão a de meios para a felicidade eterna.

Foi para nos tornar possível e fácil a conquista dessa felicidade que Jesus Cristo, Rei dos reis, veio à terra e nela fundou o reino de Deus, a sua Igreja. Instituiu-a pessoal e imediatamente como sociedade hierárquica, monárquica, visível, espiritual, sobrenatural, perfeita, e, por conseguinte, essencialmente distinta da sociedade civil, absolutamente independente na sua esfera espiritual e sobrenatural.

«Esta sociedade [a Igreja] - ensina autenticamente Leão XIII na Encíclica *Immortale Dei* - esta sociedade, posto que se compõe de homens, não menos que a comunidade civil, não obstante, em razão do fim que lhe foi assinado e dos meios com que o porfia atingir, é sobrenatural e espiritual; e por conseguinte *distingue-se e difere da sociedade civil;* e, o que é de suma importância, constitui uma sociedade juridicamente perfeita - *societas est genere et jure perfecta* - uma vez que, por vontade e mercê do seu Fundador, possui em si e por si mesma todos os recursos necessários à sua subsistência e acção própria ... É, pois, à Igreja e não ao Estado que compete guiar os homens para as coisas do céu; é à mesma Igreja que foi confiado por Deus o mandato de ver e decidir por si nas matérias que tocam à religião: de ensinar todas as gentes ; de estender ao largo, quanto possível, as fronteiras do nome cristão; de administrar, em suma, livre e desimpedidamente, consoante o seu ditame, os interesses do Cristianismo».

Eis as duas Potências, em seu gênero soberanas, às quais Deus, autor da ordem natural e sobrenatural, compartiu o governo das duas grandes províncias dos interesses da humanidade.

«Tudo quanto nas coisas humanas é sagrado por qualquer título, tudo quanto respeita à salvação das almas ou ao culto de Deus, quer seja tal por sua natureza, quer tal se repute em razão do fim a que se refere, tudo isso é da alçada da jurisdição eclesiástica; tudo o mais, que a ordem social e política abraça, justo é que esteja sujeito à autoridade civil, pois que Jesus Cristo mandou dar a César o que é de César, a Deus o que é de Deus»[36].

*

* *

Relações naturais, direitos e deveres mútuos de Justiça e Caridade. - Mas, como estes dois Poderes, destinados por Deus a dirigir a actividade dos mesmos homens em esferas

[36] *Immortale Dei.*

distintas e a fins de ordem diversa, mas essencialmente subordinados; como estes dois Poderes, digo, hão-de exercer a sua jurisdição sobre os mesmos indivíduos, brotarão entre eles fatalmente *relações naturais,* que darão origem a *direitos e deveres recíprocos de Justiça e Caridade.*

Basta, por exemplo, comparar estes dois Poderes na sua origem, natureza e constituição, no seu fim próprio, nos seus meios, nos seus efeitos, para ver logo nascer um sistema natural de *relações de perfeita distinção.*

E, como ambas as sociedades são perfeitas, e ambos os Poderes são supremos na sua esfera e verdadeiramente soberanos, entre aquelas sociedades e Poderes, essencialmente distintos, existe, além disso, uma *relação de verdadeira independência.*

Perniciosas conseqüências da violação desses mútuos direitos e deveres. - Ora é manifesto que, dada a natureza e influência universal destas duas sociedades, a quebra da paz entre os seus respectivos Poderes não pode deixar de acarretar as mais perniciosas conseqüências para toda a humanidade. E é evidente que será fatal o rompimento de conflitos, desde o momento em que uma das sociedades exorbite da sua esfera e pretenda sair da ordem providencial, violando os seus deveres de Justiça ou Caridade. É sobretudo neste caso que tem aplicação o grande princípio do Doutor Angélico: *Pax est opus justitiae indirecte... sed est opus caritatis directe.*

Que sucederia, se a Igreja violasse os deveres de Justiça e Caridade para com o Estado? - Fingi que o Poder Espiritual, postergando os seus deveres de Justiça e Caridade, intimava à sociedade civil o divórcio ou *separação* completa, ou que, ultrapassando as fronteiras legítimas, invadia a esfera do Poder Temporal, tentando *absorvê-lo.* Imaginai que a Igreja, descurando a sua missão sobrenatural, se intrometia em questões puramente terrestres, sem relação com o seu ministério evangélico, por exemplo, a fixar os impostos, a organizar o exército e a marinha, a dirigir o comércio e a indústria, a nomear os funcionários públicos. Suponde que a Igreja pretendia impor a um povo uma forma de governo que ele detesta, ou que descia ao campo das lutas políticas, não para pregar às facções as leis da justiça e da moral, mas para fazer pender a balança em favor dum partido.

Que sucederia? A Igreja teria violado a ordem providencial. O Estado com toda a justiça se poria em armas para repelir a invasão das suas fronteiras. As responsabilidades dessa guerra fatal recairiam todas sobre a Igreja.

A Igreja dá a César o que é de César. - Felizmente, a história imparcial não pode acusar a Igreja de haver jamais assim procedido. A Igreja - repetiu-o mil vezes Leão XIII - a Igreja, fundamentalmente extranha a todas as complicações dolosas da política, aceita todas as formas legítimas de governo, que se podem perfeitamente conciliar com a sua constituição e doutrina; a Igreja respeita todos os regimens de facto; sem lhes legitimar a origem, sem lhes assegurar o futuro, sem se enfeudar à sua fortuna, trata com eles, quanto é necessário para, em boa paz, promover os interesses espirituais de seus filhos.

Descanse, pois, o Estado; a Igreja não lhe tocará, nem de leve, na mais pequenina das suas regalias. Muito pelo contrário, a doutrina católica sobre a constituição dos Estados é a mais poderosa salvaguarda do prestígio das instituições. A Igreja é Mãe... A Igreja, pois, não absorverá, não devorará o Estado, não lhe tentará invadir as fronteiras. Do seu lado, não há perigo de conflito, porque se cumprirão escrupulosamente todos os deveres de Justiça e Caridade: dar-se-á a César o que é de César.

*

* *

César muitas vezes não dá a Deus o que é de Deus. Daí os conflitos. - Poder-se-á

com igual segurança prometer que o Estado dará sempre a Deus o que é de Deus?

Poder-se-á assegurar que da parte do Estado jamais se originarão conflitos, porque o Estado será sempre fiel aos seus deveres de Justiça e Caridade para com a Igreja ?

Oh! então bem poderiam os Anjos entoar de novo sobre os homens de boa vontade o hino da paz universal.

Infelizmente, porém, a história está cheia de conflitos entre o Poder Espiritual e o Poder Temporal; e uma observação imparcial obriga-nos a asseverar que todos eles nasceram de o Estado não querer dar a Deus o que é de Deus, ou porque pretendeu *absorver* a Igreja, ou porque dela se quis *divorciar* ilegitimamente.

a) O Estado invadindo injustamente os domínios da Igreja. - Com efeito, absorver, suprimir, exterminar a Igreja, ou, quando menos, acorrentar-lhe o poder espiritual, que ela intransigentemente tem de reivindicar, foi todo o ideal político-religioso da sinagoga incrédula e do paganismo sanguinário. Os próprios imperadores cristãos não despiram jamais de todo os instintos devoradores dos seus antepassados. Quem ignora as intrusões com que o próprio Constantino Magno deslustrou em parte os benefícios verdadeiramente imperiais, com que se tornou acrèdor da eterna gratidão da Igreja? Quem não se enoja ao ver os imperadores Constando e Valente mais ocupados em multiplicar as convocações de conciliábulos e em presidir a essas vergonhosas assembléias de prelados sem consciência, do que em opor diques à inundação dos bárbaros que já vinha mugindo nas fronteiras?

Os enredos, ora hipócritas ora cínicos, que após a queda do Império do Ocidente formaram, por assim dizer, a trama da política dos imperadores bizantinos com Roma, as violências desleais de Henrique IV, de Frederico Barbarroxa, de Frederico II, de Luís de Baviera na Alemanha, as arrogâncias impiedosas de Filipe, o Belo, em França, as orgulhosas usurpações e as perseguições sanguinárias de Henrique VIII, de Isabel e de Jaime I na Inglaterra, as intoleráveis pretensões do Galicanismo eclesiástico e parlamentar, as prepotências do Josefismo, as arbitrariedades do Pombalismo, as concussões do Liberalismo, e todos esses grandes latrocínios modernos, mal disfarçados sob a máscara das chamadas leis de separação, - que outra coisa foram senão crises agudas dessa perpétua campanha de escravização movida contra a Igreja, desse obstinado movimento de absorpção do Espiritual no Temporal, que, mais ou menos acelerado, foi a alma da política dos grandes potentados?

Todas essas maquinações, para escravizar e absorver a Igreja, urdidas pertinazmente pelo Estado através de todos os séculos, que foram senão enormíssimas injustiças, contra as quais a Igreja tinha estreitíssima obrigação de se defender? A Igreja é Rainha. A Igreja é a depositária visível, a representante imorredoira do poder universal que Jesus Cristo lhe outorgou sobre o seu reino. E essa Rainha soberana do reino espiritual por ninguém se pode deixar absorver, por ninguém. A Igreja tem promessa de vida imortal; deixar-se absorver seria o mais covarde suicídio.

A Igreja tem que defender a sua liberdade como a sua vida! Se o Estado lhe pretende invadir as fronteiras espirituais, se se quere erigir em intérprete do Evangelho, em árbitro do dogma e da moral revelada, em juiz da disciplina eclesiástica; se o Estado ambicioso se arroga o direito de investidura, de penetrar no santuário, de regular o culto, de impedir a promulgação dos documentos pontifícios ou episcopais, de embargar a propaganda doutrinal e a liberdade da palavra apostólica; se o Estado, em suma, se atreve a invadir os domínios de Deus, a Igreja, fiel à sua missão sobrenatural, tem que se levantar impertérrita para bradar em nome de Jesus Cristo: - A Deus o que é de Deus! E aí temos nós aberto o tremendo conflito, que será tragicamente fértil em ruínas para a Igreja, sem dúvida, mas antes de tudo para o Estado. A Igreja falará alto à consciência dos fiéis, fulminará os seus anátemas. Os ímpios rir-se-ão; mas nem por isso eles deixarão de ferir. Os crimes sociais pagam-se neste mundo, meus Senhores. Quando virdes uma sociedade, ferida como de mal interno incurável, a resvalar para o abismo das nações, não hajais dúvida; é que a Justiça de Deus começou a fazer pesar

sobre esse povo o seu braço vingador.

E, quando outro castigo não sobreviesse, bastaria a discórdia inevitável entre cidadãos da mesma pátria, que essas intrusões do Estado não podem deixar de provocar. Os fiéis, cidadãos submissos a tudo quanto pertence à ordem temporal, não apostatarão da sua fé, que vê na Igreja a única autoridade legítima para regular os negócios da alma. Quando o Estado lhes ferir a consciência, resignar-se-ão a sofrer tudo; mas não deixarão de ouvir a Igreja. Antes que a ceder, a Polônia, a Irlanda, e tantos outros países sujeitar-se-ão a sofrimentos atrozes. Mas, se os melhores cidadãos padecem, é evidente que o Estado não pode ser feliz!

Oh! que sabiamente se exprimiu Leão XIII, quando escreveu na Encíclica *Immortale Dei:* «Pretender submeter a Igreja ao poder civil no desempenho do seu ministério, é uma grande injustiça e uma grande temeridade. Proceder assim é perturbar a ordem, porque se antepõem as coisas naturais às que transcendem a natureza; suprime-se ou, quando menos, grandemente se diminui a afluência dos bens, de que a Igreja, se lhe não pusessem travas, enriqueceria a vida social; e, além disso, aplana-se o caminho para as inimizades e rixas, cujas funestas influências para uma e outra sociedade bem de sobra nos demonstra a experiência».

*

* *

b) O Estado separando-se ilegitimamente da Igreja. - Mas o Estado não perturba a paz, violando a Justiça, somente quando pretende escravizar e absorver a Igreja, invadindo-lhe os domínios; rompe igualmente a concórdia, quando ilegitimamente se divorcia ou separa da mesma Igreja. É que a separação, que não só a absorpção da Igreja, é ainda um modo injustíssimo de violar a ordem providencial, negando a Deus o que é de Deus.

Com efeito, quando o Estado, por qualquer forma, põe em prática a fórmula errônea, fulminada no *Syllabus* de Pio IX, que «a Igreja deve ser separada do Estado e o Estado da Igreja»; quando o Estado imbuído das orgulhosas pretensões do Liberalismo radical ou absoluto, formal ou equivalentemente proclama que tem o direito e até o dever de ser *ateu;* quando o Estado, ainda mesmo sem ir até à apostasia absoluta da *secularização universal* ou do *laicismo,* em obediência aos preconceitos do Liberalismo mitigado, declara que tem o dever de ser *racionalista* e absolutamente independente da Igreja e de todo o sobrenatural, - que outra coisa faz senão insurgir-se contra os direitos de Deus e de Jesus Cristo e pôr-se fora da ordem providencial, arrastado pela injustiça?

Se é certo que em determinadas *hipóteses,* que por brevidade não pormenorizamos, a separação da Igreja e do Estado se pode tolerar como um mal menor, a *tese* é sempre inadmissível, porque é injuriosa a Deus, ofensiva da justiça, e destrutora da concórdia.

Com efeito, Deus que na sua providência distribuiu o governo do gênero humano entre o Poder Eclesiástico e Civil, - o primeiro para regular as coisas divinas, o segundo para presidir aos interesses temporais-, Deus sapientíssimo, cujas obras são ordem, harmonia e paz, não poderia ter estabelecido entre a Igreja e o Estado um sistema de relações que, dadas as condições presentes da humanidade, seria de sua natureza uma fonte perpétua de conflitos inextricáveis e de ansiedades insolúveis para as consciências dos particulares. Ora tal seria fatalmente a separação jurídica de dois Poderes com jurisdição sobre os mesmos indivíduos e em muitas coisas que, por títulos diversos e sob aspectos diferentes, são da alçada de cada um desses Poderes.

Não insistamos. Suposta a ordenação providencial de Deus, autor da ordem natural e sobrenatural, que estabeleceu que dois Poderes, essencialmente distintos e independentes na sua esfera de acção, regessem os destinos da humanidade, - segue-se por conseqüência inevitável que entre a Igreja e o Estado, para haver paz, deve estabelecer-se *uma relação de união e concórdia,* que Leão XIII na Encíclica *Immortale Dei* elegantemente compara com a

união substancial da alma e do corpo no homem.

A Paz entre a Igreja e o Estado na Justiça e Caridade. - Para nos convencermos de que esta união e concórdia, no cumprimento leal dos deveres mútuos de Justiça e Caridade, será tanto para a Igreja como para o Estado uma fonte inexaurível de paz e benefícios de toda a ordem, bastar-nos-á reflectir que esta é a ordenação providencial de Deus a respeito das duas sociedades e Poderes; e, quando os seres estão na ordem que lhes assinalou a Sabedoria divina, estão no caminho que os levará infalivelmente à maior felicidade possível.

A voz da História. - E depois, a história de vinte séculos aí nos está bradando que em todos os tempos e climas, a prosperidade ou a decadência da Igreja e do Estado nos aparece perpètuamente em função respectiva da aliança harmônica e leal ou da dissenção funesta do Sacerdócio e do Império.

E a lição da nossa história não é menos eloqüente neste ponto que a da história universal.

«Houve um tempo - o mais glorioso tempo da nossa história! - em que, se na prática por vezes as paixões ambiciosas dos monarcas se entrechocavam em lamentáveis conflitos com a intransigência apostólica ou talvez com o gênio irrequieto de alguns prelados, em princípio se admitia como fundamento social da nacionalidade portuguesa o sistema católico de relações entre a Igreja e o Estado.

E a glória de Portugal crescia à proporção que se estreitavam os laços com a Santa Sé.

Foi nos braços da Igreja que a nacionalidade portuguesa nasceu, foi embalada na infância e conquistou foros de povo autônomo.

Foi abençoada e robustecida pela Igreja que, depois de recuperar palmo a palmo o solo pátrio, assegurou a inviolabilidade das suas fronteiras contra as repetidas invasões do Crescente.

Foi guiada pela Igreja que se aventurou aos pavores e incertezas do Mar Tenebroso.

Foi aliada e filialmente submissa à Igreja que andou passeando em cortejo triunfal a glória das Quinas e da Cruz de Cristo através de um e outro hemisfério.

Depois, esquecida de que tudo quanto era grande no seu passado estava indissolùvelmente unido com a Igreja, deixou-se eivar de teorias regalistas e passava o tempo a esmerilhar pretensas regalias para a Coroa, à custa dos direitos da Igreja; abriu ouvidos às seduções maçònico-liberais, e, se ainda reconhecia na letra da Carta Constitucional o Catolicismo como religião do Estado, dir-se-ia que era para mais facilmente conservar a Igreja escravizada.

E ao mesmo tempo que se iam afrouxando mais e mais os laços com a Igreja, a Nação resvalava a olhos fechados para o abismo!... »[37].

O que depois se passou, está na memória de todos... Não é este o lugar nem o momento oportuno para julgar os acontecimentos do dia. Não será contudo descabido formular esta simples pergunta: - O que se passou, serviu para promover a tranqüilidade da ordem nesta pequenina Casa Lusitana ?!...

Violar os direitos de Deus e da Igreja é obra de injustiça e de ódio. E a paz, segundo a profundíssima doutrina de Santo Tomás, que através desta conferência experimentalmente vimos confirmada, a paz é obra da Justiça e da Caridade: *Pax est opus justitiae indirecte... sed est opus caritatis directe.*

*

* *

Conclusão. - Vão terminar amanhã as festas do 6.° centenário da Canonização de

[37] J. Ferreira Fontes, *As relações entre a Igreja e o Estado,* 1922, p. 129-130.

Santo Tomás de Aquino. Como Jacó, depois de lutar uma noite inteira com um Anjo, protestava, ao romper da aurora, que o não deixaria partir sem que ele o abençoasse: «Non dimittam te, nisi benedixeris mihi»[38], assim nós, nesta hora solene e saudosa, ao Anjo que a Providência nos enviou para nos preceder, guardar no caminho e introduzir na terra da promissão da Verdade, do Amor, da Justiça, da Caridade e da Paz, brademos cheios de confiança:

- ***Anjo dos corações ansiosos de paz no Amor,*** não vos deixaremos partir, enquanto nos não concederdes uma bênção de energia sobrenatural para tantos corações de portugueses que, sedentos de repoiso no verdadeiro Amor, se debatem no pântano dum *pessimismo moral* ou dum *diletantismo* deprimente e esterilizador.

- ***Anjo das inteligências ansiosas de paz na Verdade,*** não vos deixaremos partir, enquanto nos não lançardes uma bênção de luz para tantas inteligências de portugueses lamentavelmente extraviados na *selva escura* do *pessimismo intelectual.*

- ***Anjo das sociedades ansiosas de tranqüilidade na ordem,*** não vos deixaremos partir, enquanto nos não prometerdes uma bênção de Justiça e Caridade que venha congraçar o Trabalho com o Capital, harmonizar a Autoridade com a Liberdade, restaurar a mútua aliança da Igreja e do Estado, e, por este modo, restabelecer a paz inalterável nesta querida sociedade portuguesa.

Deus de Verdade, Deus de Amor, Deus de Justiça e Caridade, lançai olhos de misericórdia sobre esse infinito povo de transviados no deserto e consolai-o com esta promessa eficaz:

- Eis que eu enviarei o meu Anjo que preceda, e guarde no caminho e introduza na terra da promissão da Verdade, da Santidade, da Justiça, da Caridade e da Paz, as inteligências ávidas de Verdade, os corações sedentos de Bondade, as sociedades ansiosas de Paz na Justiça e Caridade.

*

* *

ÍNDICE

ADVERTÊNCIA *5*
INTRODUÇÃO GERAL *7*

I -SANTO TOMÁS DE AQUINO, O ANJO DOS CORAÇÕES ANSIOSOS DE PAZ NO AMOR

O Doutor Angélico *17*
Anjo de santidade *18*
Que é Deus? *19*

A - O Anjo desprende-se de todas as coisas e de si mesmo

Renúncia total *20*
Religioso Dominicano *23*
Anjo de pureza *26*
Liberdade plena *27*
Ascetismo «intelectual» de Santo Tomás *28*
Profundíssima humildade *34*

B - O Anjo voa para Deus

[38] *Gen.* 32, 26.

O maravilhoso par de asas da especulação e da contemplação *36*
Terníssima piedade, que tem por centro o Sacramento do Amor *37*
Anjo transformado em Amor *39*
Conclusão *42*

II - SANTO TOMÁS DE AQUINO, O ANJO DAS INTELIGÊNCIAS ANSIOSAS DE PAZ NA VERDADE

Na «selva escura» de sistemas pseudofilosóficos *47*

A - Síntese histórica das abdicações da Razão

1. *O livre exame* *51*
2. *O Cartesianismo* *53*
3. *O Kantismo* *55*
4. *O Positivismo* *57*
5.*O Sentimentalismo* *58*
6. *O Pragmatismo e o Intuicionismo* *58*
7. O Pessimismo intelectual *58*

B - A crise das inteligências contemporâneas

1. *Idealismo* *59*
2. *Agnosticismo* *61*
3. *Naturalismo* *61*
4. *Pseudo-misticismo* *62*

C - Santo Tomás de Aquino, o Anjo das inteligências ansiosas de paz na Verdade

1. Salvou a inteligência na Idade Média *63*
a) *Do Modernismo místico ou Pseudo misticismo* *64*
b) *Do Modernismo positivista* *65*
2. Continuou a salvar a inteligência pelos séculos afora *68*

3. Santo Tomás salvará a inteligência em nossos dias *69*
Conclusão *76*

III -SANTO TOMÁS DE AQUINO, O ANJO DAS SOCIEDADES ANSIOSAS DE PAZ NA JUSTIÇA E CARIDADE

O Anjo da paz social *81*
Na escola social de Santo Tomás de Aquino *84*
Os grandes conflitos sociais *86*

A - O conflito entre o Capital e o Trabalho

O Trabalho em pé de guerra *88*
Nas trincheiras do Capital *89*
A Justiça e a Caridade nos arraiais do Trabalho *91*
A Justiça e a Caridade no campo do Capital *93*

B - O conflito entre a Liberdade e a Autoridade

Fundamento da Paz na sociedade *94*
Deveres de Justiça e Caridade da Liberdade para com a Autoridade: *96*
a) *Dar o que pertence ao Bem comum* *96*
b) *Repulsar, pelos meios legítimos, as arremetidas contra os seus direitos* *97*
c) *Submeter-se às legítimas ordenações da Autoridade legítima* *98*
Deveres de Justiça e Caridade da Autoridade para com a Liberdade *99*

C - O conflito entre o Poder Temporal e o Poder Espiritual

Coexistência e legitimidade do Poder Temporal e do Poder Espiritual *102*
Relações naturais, direitos e deveres mútuos de Justiça e Caridade *105*
Perniciosas conseqüências da violação desses mútuos direitos e deveres *105*
Que sucederia, se a Igreja violasse os deveres de Justiça e Caridade para com o Estado *106*
A Igreja dá a César o que é de César *107*
César muitas vezes não dá a Deus o que é de Deus. Daí os conflitos *107*
a) *O Estado invadindo injustamente os domínios da Igreja* *108*
b) *O Estado separando-se ilegitimamente da Igreja* *111*
A paz entre a Igreja e o Estado na Justiça e Caridade *113*
A voz da História *113*
Conclusão *116*